

coleção **Novos Caminhos**

filosofia

Santo
Agostinho



Mestre



E-book digitalizado com exclusividade para o site:

www.bibliotecacrista.com.br

e

www.ebooksgospel.com.br

Digitalização e Revisão: Levita Digital
02/05/2011

Por gentileza e por consideração não alterem esta página.

Aviso:

Os e-books disponíveis em nossa página, são distribuídos gratuitamente, não havendo custo algum.
Caso você tenha condições financeiras para comprar, pedimos que abençoe o autor adquirindo a versão impressa.

Santo Agostinho

O Mestre

Titulo Original:
De Magistro
© da tradução:
Antônio Soares Pinheiro
Universidade Católica Portuguesa
Faculdade de Filosofia Braga, Portugal
Landy Livraria Editora e Distribuidora Ltda.

Capa:

Camila Mesquita

Editora assistente:

Vilma Maria da Silva

Revisão:

Vilma Maria da Silva

Editor:

Antônio Daniel Abreu

Editoração:

Alpha Design

II 5S8S-9709

1ª edição, 2000 - 2ª edição, 2002 - 3ª edição, 2006

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Agostinho, Santo, Bispo de Hipona, 354-430

O mestre / Santo Agostinho ; [tradução Antônio Soares

Pinheiro]. - 3. ed. - São Paulo : Landy Editora,

2006. - (Coleção novos caminhos) Título original: De magistro

1. Ceticismo - Obras anteriores a 1800 2. Linguagem e línguas - Filosofia -
Obras anteriores a 1800 3. Teoria do conhecimento - Obras anteriores a 1800 I.
Título. II. Série.

06-5687

CDD-189.2

índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia patrística 189.2 Direitos reservados para a língua portuguesa

Landy Livraria Editora e Distribuidora Ltda. Rua Fortunato. 117/119 — tel. e fax:
11 3361 -5380 CEP 01224-030 — São Paulo, SP, Brasil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

[I PARTE]

[A PALAVRA E OS SINAIS]

CAPÍTULO I	[ENSINAR E REMEMORAR]
CAPÍTULO II	[O SIGNIFICADO DAS PALAVRAS]
CAPÍTULO III	[PALAVRA E REALIDADE]
CAPÍTULO IV	[SINAIS DE SINAIS]
CAPÍTULO V	[SINAIS RECÍPROCOS]
CAPÍTULO VI	[OS SINÔNIMOS]
CAPÍTULO VII	[RESUMO DO QUE SE EXPÔS]

[II PARTE]

[OS SINAIS, A REALIDADE E O MESTRE]

CAPÍTULO VIII	[SINAIS E REALIDADE]
CAPÍTULO IX	[PRIMAZIA DAS REALIDADES]
CAPÍTULO X	[REALIDADES CONHECIDAS SEM SINAL]
CAPÍTULO XI	[VACUIDADE DAS PALAVRAS]
CAPÍTULO XII	[PALAVRA, SENSAÇÃO E INTELECÇÃO]
CAPÍTULO XIII	[DEFICIÊNCIAS DA PALAVRA]
CAPÍTULO XIV	[O MESTRE E A CONSCIÊNCIA]

INTRODUÇÃO

Consagrou-se a afirmação de que Santo Agostinho é contemporâneo de todas as gerações. É-o não só por constituir grandioso e dramático símbolo da Humanidade, nos seus abismos, impotências e grandezas, mas também porque o seu pensamento decidiu dos caminhos da cultura accidental, e nela continua ao mesmo tempo incorporado, e ciclicamente operante.

Nasceu em 354, na África, em Tagasta, a moderna Souk-Aras da Argélia atual, a uns cem quilômetros ao sul de Bona. Cursados os primeiros estudos em Madauros, ao sul de Tagasta, e a seguir em Cartago, ensinou oito anos retórica nessa cidade, e depois de curto magistério em Roma, exerceu-o durante dois anos em Milão.

Temperamento de excepcional sensibilidade, inteligência e afetividade, embora iniciado desde a infância nas verdades cristãs pela sua mãe incomparável, Mônica, que ele havia de immortalizar nas *Confissões*, veio a sucumbir ao ambiente pagão de professores e companheiros, atirando-se com toda a sua veemência para a licenciosidade e rebeldia: "Que queria eu senão amar e ser amado?" A mãe, impotente para o dominar aos dezesseis anos, pedia-lhe que ao menos não cometesse adultérios.

Intelectualmente, os caminhos do seu espírito, sempre em busca de mais vastos conhecimentos e certezas, não foram menos acidentados. Cai no maniqueísmo, arrasta para ele todos os amigos, defende-o e propaga-o com a irresistível força da sua eloquência e dialética. Vem finalmente a reconhecer, passados anos, quanto essas doutrinas eram arbitrárias e falsas. Cai desesperadamente no ceticismo filosófico, entregue ao mais desolado vazio da alma.

Em Milão, já com trinta anos, o contato com Santo Ambrósio e o conhecimento da filosofia de Plotino aproximam-no do Cristianismo, através de lutas cruéis de espírito e sensibilidade. Decidido a converter-se, separam-se para sempre ele e a mulher, com quem de há muito vivia, e de quem lhe nascera Adeodato. Ela retirava nobremente para a África, como quem cumpre e deixa cumprir o dever, fazendo a Deus o voto de nunca mais se unir a homem nenhum. Por seu lado, Agostinho abandonava para sempre

a cadeira de professor, desejoso de viver agora unicamente para a sapiência, isto é, para o estudo e vivência das verdades, que têm por centro o mesmo Deus.

Chegara a hora do batismo. Nas *Confissões*, falando com Deus, Agostinho recorda desse dia. Começa por se referir a Alípio, "irmão do meu coração", que em Cartago se fizera seu discípulo, para nunca mais o deixar:

"Alípio quis renascer em ti. ... Juntamos também a nós o juvenil Adeodato, que de mim nascera quanto ao corpo, pelo meu pecado. Tu havia-lo dotado excelentemente. Tinha cerca de quinze anos, e superava em dotes de espírito muitos homens idosos e instruídos. Confesso a ti os teus dons, Senhor meu Deus, criador de todas as coisas, e altamente poderoso para transformar em beleza as nossas deformidades. ... Há certo livro nosso, que se intitula O Mestre, onde ele fala comigo. Tu sabes que são dele todos os pensamentos que lá se inserem, da parte do meu interlocutor, embora este contasse dezesseis anos. Coisas muito mais admiráveis experimentei a seu respeito. Os seus dotes mentais faziam-me estremecer. E quem, a não ser tu, é o obreiro de tais maravilhas? ... Fomos batizados, e afastou-se de nós a preocupação da vida passada. Não me saciava de sentir nesses dias uma consolação inefável. ... Quanto chorei, ouvindo os teus hinos e cânticos, fundamente comovido com as vozes da tua Igreja, a cantar suavemente. ... As lágrimas corriam, e eu sentia-me bem com elas". (Livro 9, cap. 6).

O batismo havia diluído todos os sombrios remorsos e culpas do passado, e Agostinho sentia agora a intimidade de Deus. No seu coração ficava apenas esta mágoa indelével: "tarde te amei, Beleza tão antiga e tão nova, tarde te amei!" (Livro 10, cap. 27).

O Mestre foi objeto de diálogo uns dois anos após esses acontecimentos. Agostinho encontrava-se de novo na África, em Tagasta, sua terra natal. Adeodato veio a falecer pouco depois.

Algum tempo volvido, Agostinho ia ser ordenado sacerdote. O povo notara a sua presença na igreja de Hipona, onde entrara de passagem, e ergueu-se em aclamações: Agostinho deve ser sacerdote! Ele, estupefato, rompia em lágrimas no meio de todos. Daí ao episcopado foi um passo. Até ao fim da vida, em 430, deu-se incansavelmente aos deveres do seu cargo, à atividade religiosa dentro e fora de Hipona, a ensinar continuamente pela pregação e pelos seus livros.

A sua obra literária é extensíssima. Ao aproximar-se o fim da existência, quis examinar os seus escritos, para neles ajustar o que houvesse de inexato ou impreciso. Ele mesmo ficou surpreendido, ao verificar que tinha redigido 94 obras, constantes de 232 livros, isto é, com 232 partes, cada uma de variável número de capítulos. De toda essa bibliografia sobressaem três obras que venceram os séculos, e continuam vivas: *Confissões*, *A Cidade de Deus* e *A Trindade*. As *Confissões* são-no, não no sentido de declarações íntimas e pessoais, embora seja essa a matéria do livro, que assim constitui uma sublime autobiografia —, mas no sentido bíblico de glorificação ou enlevamentos de adoração a Deus. Este livro, que abriu à literatura o campo inexplorado da interioridade, dos dramas íntimos da inteligência e do coração, nunca mais foi igualado. *A Cidade de Deus* estuda as origens e vicissitudes do "povo de Deus", desde os primórdios bíblicos até à sua instituição definitiva por Cristo. Em contraste e por vezes em conflito com a "cidade Terrestre", isto é, com as sociedades de homens que põem todo o seu fim nos bens da terra, a "cidade de Deus" constituem-na quantos põem acima de tudo o verdadeiro Deus e a sua Lei. É a sociedade religiosa universal, que tem a Cristo por fundador e autoridade suprema: a Igreja. *A Cidade de Deus* termina pela consideração do destino final e divergente das duas "cidades", consumado na vida ultra-terrena. Com esta obra grandiosa, o seu autor abriu caminho a duas novas ciências: a Filosofia da História, ao fazer na primeira parte a síntese dos anais do Império romano; a Teologia da História, ao estudar na segunda parte os antecedentes seculares da Igreja. Em *A Trindade*, servindo-se dum método psicológico que ele próprio encontrou, foi até aonde o espírito humano poderá ir na sondagem das profundidades de Deus. Ninguém depois foi mais longe

Embora Santo Agostinho, gênio filosófico por excelência, o continuasse a ser ao longo de toda a sua obra, deixou-nos como dissertações própria e exclusivamente filosóficas nove diálogos. De entre eles salientam-se: *Contra os Céticos* ("Contra Acadêmicos"), o primeiro na ordem cronológica; *A Ordem*; *A Grandeza da Alma*; *O Livre-Arbítrio*, e finalmente *O Mestre*, o último que escreveu. Uns foram elaborados durante os meses calmos, que passou na casa de campo de Cassiciaco, junto de Milão, a preparar-se para o batismo; os outros, logo a seguir.

Em *O Mestre*, pela análise da extensão e significado das palavras, vai-se da simples Lógica ao valor das idéias, e daí à última origem do que há de absoluto na verdade e certeza do conhecimento.

Recém-convertido, Agostinho encontrava essa origem onde o seu coração mais a desejava encontrar — nos ensinamentos da Revelação cristã. Formula a doutrina final do seu diálogo citando a carta de S. Paulo aos Efésios (3, 16-17), onde se lia que Cristo habita no mais íntimo da consciência do homem, sendo Ele a indestrutível Verdade e Sapiência, como também dizia S. Paulo na 1.^a carta aos Coríntios (1,24). O diálogo termina repetindo ser a Cristo que cada um consulta, no silêncio da sua consciência, para saber o que é ou não é verdade, pois como expressamente ensinava o Evangelho, "o vosso Mestre é um só Cristo" (Mateus 23,10).

O que há de histórico e decisivo em *O Mestre*, não é esta conclusão de natureza revelada, que nos transporta para um campo diferente do filosófico, mas o caminho que ela abre ao pensamento de Agostinho, e à própria filosofia. Conduzido pela Revelação, Agostinho atingiria o núcleo da própria consciência. O que nesse momento recebia da Fé, iria considerá-lo em obras posteriores à luz do puro conhecimento racional, empenhado em transformar esse dado religioso numa certeza estritamente filosófica. Ficaria sendo essa a grande aspiração da sua inteligência, sobre todas as verdades cristãs — "crer e entender" — isto é, transformar as verdades acreditadas em certezas rigorosamente racionais, para tornar ainda mais vivo e profundo o mesmo ato de Fé. Foi o que em obras posteriores efetuou, a respeito da tese conclusiva de *O Mestre*.

Analisando o mundo do conhecimento, havia já distinguido em *O Mestre* duas categorias de verdades, as sensoriais e as inteligíveis. Interiorizando-se mais na consciência, descobre entre as verdades inteligíveis as "verdades eternas", último e irreduzível fundamento de toda a verdade e certeza.

Ao ato de Fé sucedia agora uma tese genuinamente filosófica. Restava evidenciar a presença dessas "verdades eternas" no espírito, e demonstrar a sua natureza e origem. A demonstração que fez poderia resumir-se, dizendo que tudo no homem e no Universo está penetrado de eternidade, e assenta no absoluto:

no campo dos simples fatos, na efêmera existência do homem, por exemplo, oculta-se uma verdade eterna, imutável e necessária. Se o homem

existe, é uma verdade eterna que existiu, mesmo que ele desapareça, e tudo em sua volta deixe de existir;

no campo dos princípios inteligíveis, no princípio de identidade, por exemplo, é uma verdade eterna, imutável e necessária que uma coisa não pode ser e não ser ao mesmo tempo, mesmo que nada exista, ou tudo volte ao nada;

no Universo inteiro, é uma verdade eterna, imutável e necessária que um ser existe, e não deu a existência a si mesmo, a recebeu de outro, e na sua última origem a recebeu de um Ser, que por natureza e definição existe por si mesmo — Deus.

De onde vem ao pensamento essa eternidade, imutabilidade e necessidade, que se entranha na consciência, e se incorpora nos objetos do conhecimento? Não vem do homem nem das coisas que o rodeiam, todas elas, como o próprio homem, contingentes, mutáveis e perecíveis; tem de se radicar num Ser que consubstancia essas prerrogativas, as projeta no Universo, e as faz repercutir na consciência do homem ao deparar com as "verdades eternas". São estas, e não os conhecimentos sensoriais, nem mesmo propriamente as idéias inteligíveis, o objeto da luz transcendente e reveladora, a que se referem os capítulos finais de *O Mestre*.

Os maiores gênios da filosofia tinham vislumbrado o enigma do pensamento: Platão, recorrendo à Luz do Bem; Aristóteles, ao Intelecto Agente; Plotino, a um vago corolário panteísta. Agostinho enfrenta decididamente, delimita e racionaliza o problema, que tinha ficado sempre por analisar e estruturar, e apresenta a fundamentação suprema das certezas absolutas do espírito. Prescindindo dos dados da Revelação, era esta sem dúvida a tese final de *O Mestre*, em pura filosofia.

Tudo isso porém era inseparável duma grave questão preliminar: não seria todo o pensamento uma ilusão invencível, reduzindo-se tudo a enganosas representações mentais, sem consistência nem objetividade, sem nada de existente em si, que lhe correspondesse? Era o que vinha propugnando desde há séculos o ceticismo extremo, sem se ter chegado a encontrar uma resposta, que resistisse a todas as suas contradições. Agostinho conseguiu encontrá-la, e também agora à mesma luz da consciência: *si jallor, sum — se me engano existo!* Eis uma certeza irrecusável, que se inclui na sua mesma dúvida ou negação, provando a verdade e a certeza radicais do pensamento real e objetivo, incapaz de ser

reduzido a mera e inconcebível representação mental, inerte e impessoal, fantasmagoricamente projetada no vácuo.

Se me engano, existo! Essa minha existência é uma atividade em exercício presencial, em ato de pensar, querer e amar, numa eficiência inseparável da sua mesma dúvida ou negação. Assim intuída, a existência é o posto frontal da mera representação inerte, porque ela é por natureza e definição atividade, em exercício efetivo. Essa atividade-existência conhece-se objetivamente, como é em si mesma porque se apresenta implicada e expressa no próprio ato de pensar.

A refutação intrínseca do ceticismo, pela demonstração da objetividade do pensamento, é, como Agostinho escreveu, o "vestíbulo" da filosofia. Sem a eliminação do ceticismo, a filosofia teria sempre na sua frente uma objeção comprometedora. A resposta a essa objeção, no seu último reduto, encontrou-a para sempre Agostinho, com o — se me *engano, existo*. Intuição genial e definitiva, que Descartes iria pôr como "vestíbulo" indispensável no limiar da filosofia moderna, sob a forma visivelmente paralela de — *penso, logo existo*.

Mas Agostinho não foi apenas buscar à consciência as certezas fundamentais; o verdadeiro objeto da filosofia ficou sendo para ele a mesma consciência, cujas profundidades e mistérios competia à inteligência desvendar...

Antônio Soares Pinheiro

OBSERVAÇÃO:

O que nas páginas a seguir se inclui entre colchetes não se encontra no texto original; é acrescentado na tradução, para mais fácil compreensão do texto.

[I PARTE]

[A PALAVRA E OS SINAIS]

CAPÍTULO I

[ENSINAR E REMEMORAR]

AGOSTINHO - Que te parece que queremos levar a efeito, quando falamos?

ADEODATO - Quanto precisamente me ocorre agora, ou ensinar ou aprender.

AGOSTINHO - Vejo e concordo com uma das partes, pois é evidente que quando falamos queremos ensinar. Mas aprender, como?

ADEODATO - Como te parece enfim que é, senão interrogando?

AGOSTINHO - Pois eu entendo que mesmo neste caso não pretendemos outra coisa que não seja ensinar. Com efeito, pergunto-te se interrogas por outro motivo, senão o de dar a conhecer o que queres àquele a quem interrogas?

ADEODATO - Dizes a verdade.

AGOSTINHO - Já vês então que nada mais pretendemos com a locução, além de ensinar.

ADEODATO - Não o vejo com toda a clareza, porque se falar não é mais que proferir palavras, parece-me que o mesmo fazemos quando cantamos. Ora, como isto o fazemos muitas vezes sozinhos, não havendo ninguém presente para aprender, não penso que queiramos ensinar qualquer coisa.

AGOSTINHO - Eu porém julgo que há um gênero de ensino por meio da rememoração, e certamente importante; isto no-lo indicará o assunto mesmo

da nossa conversa. Mas se és de parecer que não aprendemos quando recordamos, e que não ensina aquele que rememora, não te contrario. Entretanto, estabeleço desde já dois motivos por que falamos: ou ensinar ou rememorar, quer aos outros quer a nós mesmos. Isto fazemos também quando cantamos. Não te parece?

ADEODATO - Não; de modo nenhum. Com efeito, eu não canto, a não ser muitíssimo raramente, para me rememorar, mas sim apenas para me deleitar.

AGOSTINHO - Percebo o que pensas. Entretanto, não notas que aquilo que deleita no canto é certa modulação do som? Ora, como esta se pode unir ou separar das palavras, uma coisa é falar, outra é cantar. De fato, entoam-se cantos por meio das flautas e da citara; as aves também cantam, e até nós, às vezes, sem palavras entoamos algum trecho musical; esta toada pode dizer-se canto, mas não locução. Tens alguma coisa a objetar?

ADEODATO - Nada, evidentemente.

AGOSTINHO - Parece-te então que a locução não foi instituída senão com a finalidade ou de ensinar ou de rememorar?

ADEODATO - Pareceria, se não me fizesse hesitar o fato de realmente falarmos quando rezamos. Apesar disso, não é permitido supor que tenhamos algo a ensinar ou a rememorar a Deus.

AGOSTINHO - Pelo que me parece, ignoras que por nenhum outro motivo nos foi ordenado que rezássemos em quartos fechados (Mateus 6,6) — nome que significa o santuário da mente — senão o de que Deus, para nos conceder o que desejamos, não pretende ser rememorado ou ensinado pela nossa locução. Efetivamente, quem fala mostra exteriormente o sinal da sua vontade, por meio dum som articulado. Deus porém deve-se procurar e suplicar no próprio íntimo da alma racional, o qual se denomina "o homem interior". Quis Ele que fossem esses os seus templos. Não leste no Apóstolo: "Não sabeis que sois templo de Deus e que o espírito de Deus habita em vós?" (1 *Coríntios*, 3,16) e que "Cristo habita no homem interior"? (*Efésios*, 3,16). Nem advertiste o que disse o profeta: "falai nos vossos aposentos;

oferecei sacrifícios de justiça, e esperai no Senhor"? (*Salmo 4, 5-6*). Onde pensas que é oferecido o sacrifício de justiça, senão no templo da mente e nos aposentos do coração? Ora, onde se deve sacrificar, aí se deve também orar. Por isso quando oramos, não é precisa a locução, isto é, como fazem os sacerdotes a fim de exprimirem o seu pensamento, não para que os ouça Deus mas os homens, e assim estes, graças à rememoração, se elevem para Deus em certa conformidade de sentimentos. Pensas de outro modo?

ADEODATO - Estou plenamente de acordo.

AGOSTINHO - E não te embaraça que o Mestre supremo, quando ensinava os discípulos a rezar, ensinou determinadas palavras? Com isto, parece nada mais ter feito que ensinar como se deve falar na oração.

ADEODATO - Isso não me causa dificuldade absolutamente nenhuma. Não foram palavras que Ele lhes ensinou, mas por meio de palavras, realidades expressas, pelas quais eles mesmos recordassem a quem e o que deveriam pedir, ao rezarem no íntimo da consciência, como se disse.

AGOSTINHO - Pensas bem. Ao mesmo tempo, creio teres caído na conta de que, embora alguém pretenda que ao pensarmos as palavras, falamos interiormente na nossa alma, apesar de não emitirmos som algum, — ainda neste caso não fazemos mais que rememorar, pois a memória, a que estão inerentes as palavras, revolvendo-as faz vir ao espírito as próprias coisas, de que as palavras são sinais.

ADEODATO - Compreendo e vou acompanhando.

CAPÍTULO II

[O SIGNIFICADO DAS PALAVRAS]

AGOSTINHO - Está pois assente entre nós que as palavras são sinais.

ADEODATO - Está.

AGOSTINHO - E que dizes: o sinal pode ser sinal se não significar alguma coisa?

ADEODATO - Não pode.

AGOSTINHO - Quantas palavras há neste verso: "*Si nihil ex tanta Superis placet urbe relinqui*" (se nada, de tamanha cidade, apraz aos deuses que fique - *Eneida*, II, v. 659).

ADEODATO - Oito.

AGOSTINHO - Há então oito sinais.

ADEODATO - Sim.

AGOSTINHO - Suponho que entendes este verso. ADEODATO - Julgo que sim.

AGOSTINHO - Diz-me o que significa cada palavra.

ADEODATO - Francamente, eu vejo o que significa — si (se), mas não encontro outra palavra com que isso se possa exprimir.

AGOSTINHO - Descobres ao menos onde se encontra o que é significado por essa palavra, seja isso o que for?

ADEODATO - É claro que si significa dúvida; ora, onde está a dúvida, senão no espírito?

AGOSTINHO - Admito-o por agora; passa às outras palavras.

ADEODATO - Que significa *nihil* (nada), senão o que não existe?

AGOSTINHO - Talvez digas a verdade, mas impede-me de concordar com o que acima concedeste: que não há sinal que não signifique alguma coisa. Ora, o que não existe não pode de maneira nenhuma ser alguma coisa. Portanto, a segunda palavra, neste verso, não é sinal, pois não significa uma coisa. Foi pois falsamente por nós assente que todas as palavras são sinais, ou então que todo sinal significa alguma coisa.

ADEODATO - Apertas-me fortemente, na verdade; mas quando não temos nada que significar é completamente estulto proferirmos qualquer palavra. Ora, neste momento, falando comigo, creio que tu nenhum som proferes em vão; pelo contrário, com todos os que saem da tua boca, dás-me sinal para eu entender alguma coisa. Por conseguinte não deves pronunciar essas duas sílabas ao falares, se com elas não significas coisa alguma. Mas se vês que por elas se faz uma prolação necessária, e que somos ensinados ou rememorados quando elas nos soam aos ouvidos, vês também com certeza o que pretendo dizer, mas não consigo explicar.

AGOSTINHO - Que concluímos então? De preferência a uma coisa que é nula, diremos antes que por esta palavra se significa certa impressão do espírito, quando este não vê uma coisa, e não obstante descobre ou pensa ter descoberto que ela não existe?

ADEODATO - Talvez fosse isso mesmo o que eu tentava explicar.

AGOSTINHO - Seja como for, passemos adiante, não nos venha a suceder uma coisa mais que absurda.

ADEODATO - Qual, enfim?

AGOSTINHO - Que o nada nos retenha e percamos o tempo.

ADEODATO - De fato é de fazer rir, e todavia não sei como, vejo que pode acontecer; melhor, vejo claramente que já aconteceu.

AGOSTINHO - Se Deus quiser, compreenderemos mais claramente este gênero de contra-senso, na devida altura. Volta agora ao tal verso e esforça-te, como puderes, por esclarecer o que significam as suas restantes palavras.

ADEODATO - A terceira palavra é a preposição *ex* (de), em vez da qual julgo podermos dizer [a preposição latina] *de*.

AGOSTINHO - O que eu pretendo não é que em vez duma palavra conhecidíssima digas outra igualmente conhecidíssima, que signifique o mesmo, se é que significa o mesmo. Concedamos por agora que seja assim. Certamente se este poeta, em vez de *ex tanta urbe*, tivesse dito *de tanta*, e eu te perguntasse o que significava *de*, tu dirias *ex*, por se tratar de duas palavras, isto é de dois sinais, que no teu parecer significam uma única coisa. Pois é precisamente isso mesmo, esse não sei quê de comum, significado por estes dois sinais, que eu desejo saber.

ADEODATO - Parece-me significar certa separação, a partir duma coisa em que estivera outra, que se diz proceder dela. Pode esta não permanecer, como sucede no verso em questão, em que, não existindo já a cidade, podiam alguns troianos proceder *dela*; e pode permanecer, como quando dizemos haver em África negociantes procedentes *da* cidade de Roma.

AGOSTINHO - Concedendo que seja assim, e deixando de enumerar grande número de casos que talvez se encontrem à margem da tua regra, é-te certamente fácil reconhecer que expuseste palavras por meio de palavras, isto é,

sinais por sinais, coisas conhecidíssimas por outras igualmente conhecidíssimas. Ora, o que eu queria era que me mostrasses, se fosses capaz, as coisas mesmas de que tais palavras são sinais.

CAPITULO III

[PALAVRA E REALIDADE]

ADEODATO - Admiro-me de não saberes, ou antes, de simulares não saber que é absolutamente impossível, por meio de resposta minha, fazer o que tu queres. Com efeito, estamos a conversar, onde não podemos responder senão por palavras. Mas tu pretendes um gênero de coisas que sejam quais forem, certamente não são palavras. Contudo, é com palavras que tu me perguntas. Pergunta tu primeiro sem palavras, para eu te responder depois nessas condições.

AGOSTINHO - Com todo o direito assim procedes, confesso. Contudo, se eu te perguntasse que significam as três sílabas que se proferem ao dizer *parede*, não o poderias mostrar com o dedo? Desse modo, eu veria imediatamente pela tua indicação, e sem pronunciares nenhuma palavra, a coisa mesma de que é sinal essa trissilábica.

ADEODATO - Admito que isso só é possível no caso de palavras que significam corpos, se esses mesmos corpos estiverem presentes.

AGOSTINHO - Dizemos porventura que a cor é corpo, ou pelo contrário certa qualidade do corpo?

ADEODATO - Assim é.

AGOSTINHO - Por que razão, nesse caso, se pode também mostrar com o dedo? Porventura ajuntas também aos corpos as qualidades dos corpos, de modo que estando elas presentes, se podem dar a conhecer sem palavras?

ADEODATO - Quando eu disse *corpos*, queria que se estendesse tudo que é corporal, isto é, tudo que se sensoria nos corpos.

AGOSTINHO - Mas repara todavia se também daqui tens alguma coisa a excluir.

ADEODATO - Advertes bem; não devia dizer tudo o que é corporal, mas sim tudo o que é visível. Reconheço de fato que o som, o cheiro, o sabor, o peso, o calor e as outras propriedades que pertencem aos restantes sentidos, apesar de não se poderem sensoriar sem os corpos, e serem por isso corporais, não podem contudo ser mostradas com o dedo.

AGOSTINHO - Nunca viste como, por meio do gesto, os homens conversam, para assim dizer, com os surdos, e que os próprios surdos é igualmente com os gestos que perguntam, que respondem, que ensinam, que indicam ou todas as coisas que querem, ou certamente muitíssimas? Sendo assim, não são evidentemente só as coisas visíveis que se mostram sem palavras, mas também os sons e os sabores, e restantes coisas deste gênero. Além disso, os mesmos comediantes, nos teatros, muitas vezes apresentam e explanam histórias inteiras, sem palavras, por meio de bailado.

ADEODATO - Nada tenho a objetar, exceto que esse *ex*, não apenas eu, mas nem sequer um dançarino pantomímico te poderá mostrar, sem palavras, o que significa.

AGOSTINHO - Talvez digas a verdade; mas suponhamos que pode. Não duvidas, creio eu, que seja qual for o movimento do corpo, com que ele tentar mostrar a realidade significada por essa palavra, não se tratará dessa realidade mesma mas dum sinal. Por isso também ele não me indicará de fato uma palavra por outra palavra, mas apesar de tudo um sinal por outro sinal, de maneira que este monossílabo *ex* e o respectivo gesto signifiquem uma certa realidade, essa que eu queria me fosse apresentada sem o uso de sinal.

ADEODATO - Mas pergunto-te: como é possível o que pretendes?

AGOSTINHO - Como foi possível apresentar parede.

ADEODATO - Mas nem sequer esta se pode mostrar sem sinal, como o veio mostrando a seqüência do raciocínio. Realmente o aceno do dedo não é de

modo nenhum a parede, mas dá-se um sinal pelo qual se possa ver a parede. Nada vejo, portanto, que se possa mostrar sem sinais.

AGOSTINHO - E se eu te perguntasse o que é andar, e tu te erguesses e o praticasses? Não te servirias da coisa mesma para me ensinar, e não de palavras ou quaisquer outros sinais?

ADEODATO - Confesso que assim é, e envergonho-me de não ter visto uma coisa tão manifesta. Isso traz-me ao espírito milhares de realidades que se podem mostrar por si mesmas, e não por meio de sinais, como seja comer, beber, sentar-se, estar de pé, gritar e um sem-número de outras.

AGOSTINHO - Pois bem, diz-me: se eu desconhecesse por completo a significação dessa palavra, e te perguntasse o que é caminhar, a ti que estavas a caminhar, de que modo me ensinadas?

ADEODATO - Praticaria isso mesmo um pouco mais depressa, de modo que notasses algo de novo, após a tua pergunta; e também assim não se faria senão aquilo que se deveria mostrar.

AGOSTINHO - Sabes que uma coisa é caminhar, e outra apressar-se? Com efeito, ordinariamente quem caminha não se apressa; e quem se apressa nem só por isso caminha, pois nós falamos da pressa em escrever, em ler e em inumeráveis outras coisas. Por esta razão, se aquilo que estavas a praticar, o praticasses mais rapidamente depois da minha interrogação, eu havia de julgar que andar não era mais que apressar-se; era isso que tinhas acrescentado de novo, e por esse motivo me enganaria.

ADEODATO - Reconheço que sem sinal não podemos mostrar uma coisa, se a estivermos a praticar ao sermos interrogados. Com efeito, se nada acrescentarmos, quem pergunta julgará que não a queremos mostrar, e que, não fazendo caso dele, prosseguimos o que estávamos a fazer. Se porém nos interroga sobre coisas que podemos fazer, e todavia não interroga no momento em que as estamos a fazer, podemos mostrar-lhe, por meio da mesma realidade e não de um sinal, aquilo que pergunta, efetuando-o nós depois da sua interrogação; a não ser que, estando eu porventura a falar, me

pergunte o que seja falar. Efetivamente, diga eu nesse caso o que disser, tenho necessariamente de falar para o ensinar. Por isso, sem me retirar da coisa mesma, que desejou lhe fosse ensinada, e sem buscar sinais com que mostrar, além dela mesma, continuando eu [a falar], ensiná-lo-ei até lhe tornar claro o que deseja.

CAPITULO IV

[SINAIS DE SINAIS]

AGOSTINHO - Respondeste absolutamente da maneira mais perspicaz. Vê então se desde já concordamos em que se podem mostrar sem sinais — quer as coisas que não estamos a realizar quando somos interrogados, mas que imediatamente podemos realizar, quer os próprios sinais que porventura estamos a efetuar. Na verdade, quando falamos produzimos sinais, e daí proveio a palavra *significar*.

ADEODATO - Concordamos.

AGOSTINHO - Portanto quando se nos pergunta sobre determinados sinais, podem os sinais mostrar-se com sinais; quando porém se trata de coisas que não são sinais, [mostram-se] ou realizando-as depois da pergunta, se podem realizar-se, ou dando sinais pelos quais elas se possam notar.

ADEODATO - Assim é.

AGOSTINHO - Nesta divisão tripartida, consideremos em primeiro lugar, se te parece bem, o fato de que certos sinais se mostram por sinais. Será que só as palavras são sinais?

ADEODATO - Não.

AGOSTINHO - No meu parecer, quando falamos significamos por palavras ou as palavras mesmas ou outros sinais, como quando dizemos gesto ou leíra, pois as coisas significadas por estas duas palavras não deixam de ser sinais; ou então uma outra coisa que não seja sinal, como quando dizemos *pedra*. Efetivamente esta palavra é um sinal, pois significa alguma coisa; mas não se segue que seja um sinal aquilo que por ela é significado. Este último caso, isto é, o de se significar por palavras coisas que não são sinais,

não pertence a esta parte que nos propusemos discutir. O que decidimos considerar foi que os sinais se mostram por sinais, e nesta matéria encontramos duas partes; ensinamos ou rememoramos, com sinais, seja os mesmos seja outros sinais. Não te parece?

ADEODATO - É sabido.

AGOSTINHO - Diz-me agora a que sentido corporal pertencem os sinais, que são palavras.

ADEODATO - Ao ouvido.

AGOSTINHO - E que dizes do gesto?

ADEODATO - À vista.

AGOSTINHO - E que pensar quando encontramos as palavras escritas? Porventura não são palavras, ou são concebidas com mais verdade como sinais de palavras? Sendo a palavra aquilo que se profere por meio duma articulação da voz, e com determinada significação, a voz porém não pode ser percebida por outro sentido, a não ser o ouvido. Sucede assim que ao escrever-se uma palavra, se apresenta um sinal aos olhos, por meio do qual venha à mente aquilo que diz respeito ao ouvido.

ADEODATO - Plenamente de acordo.

AGOSTINHO - Também concordas, julgo eu, em que ao dizermos *nome*, significamos alguma coisa.

ADEODATO - É verdade.

AGOSTINHO - E que coisa vem a ser essa?

ADEODATO - Aquilo precisamente como cada coisa é chamada, por exemplo Rômulo, Roma, virtude, rio e inumeráveis outras coisas.

AGOSTINHO - E esses quatro nomes não significam nenhuma realidade?

ADEODATO - Sim; várias, até.

AGOSTINHO - E não há nenhuma diferença entre esses nomes e essas realidades por eles significadas?

ADEODATO - Há, e muito grande.

AGOSTINHO - Queria ouvir de ti qual é essa diferença.

ADEODATO - Esta, como que em primeiro lugar: os nomes são sinais; as coisas não o são.

AGOSTINHO - Parece-te bem que chamemos *significáveis* aos objetos que podem ser significados por sinais, mas não são sinais, do mesmo modo que chamamos visíveis às coisas que se podem ver?

Poderíamos assim discorrer sobre elas com mais facilidade, daqui em diante.

ADEODATO - Parece-me bem, sem dúvida.

AGOSTINHO - E que dizes, esses quatro sinais, que há pouco pronunciaste, não são significados por nenhum outro sinal?

ADEODATO - Admiro que julgues ter-me já esquecido do que antes averiguamos, que as palavras que se escrevem são sinais daqueles sinais que se proferem com a voz.

AGOSTINHO - Diz-me onde está a diferença entre eles.

ADEODATO - Está em que os primeiros são visíveis e os segundos *audíveis*. Por que não há de aceitar esta palavra, se aceitamos *significáveis*?

AGOSTINHO - Admito-a inteiramente, e de bom grado. Mas pergunto ainda: esses quatro sinais não poderão ser significados por nenhum outro sinal audível, como lembraste que se dava com os visíveis?

ADEODATO - Também recorro que isso foi dito há pouco. Efetivamente eu tinha respondido que *nome* significava alguma coisa, e sob esta significação pus esses quatro apelativos; se não só esse [nome], mas também esses quatro apelativos forem pronunciados com a voz, reconheço que são audíveis.

AGOSTINHO - Que diferença há então entre um sinal audível e os audíveis significados, que por sua vez também são sinais?

ADEODATO - Entre aquilo que pronunciamos [dizendo] *nome*, e os quatro apelativos que pusemos sob sua significação, vejo esta diferença: o primeiro audível é um sinal de outros sinais audíveis; estes segundos sinais audíveis são certamente sinais, não porém de sinais, mas de coisas em parte visíveis, como Rômulo, Roma, rio; e em parte inteligíveis, como virtude.

AGOSTINHO - Aceito e aprovo. Mas sabes que tudo o que com algum significado é proferido com voz articulada se chama palavra?

ADEODATO - Sei.

AGOSTINHO - Portanto *nome* é também uma *palavra*, pois vemos que é proferido com voz articulada e com algum significado. Assim, quando dizemos que um homem eloquente usa boas palavras, ele usa também nomes; e quando em certa obra de Terêncio, o escravo respondeu ao seu velho amo — "boas palavras, se te apraz" — este havia pronunciado também vários nomes (*Andria*, ato 1, cena 2, ao fim).

ADEODATO - Concordo.

AGOSTINHO - Concedes portanto que por estas três sílabas, que proferimos ao dizer *palavra*, se significa também *nome*; e por isso aquela é sinal deste.

ADEODATO - Concedo.

AGOSTINHO - Queria também que me respondesses a outro ponto. *Palavra* é sinal de *nome*; *nome* é sinal de *rio*, e *rio* é sinal de uma realidade que já se

pode ver. Assim como disseste a diferença entre esta realidade e o sinal dela — rio, e entre este sinal e *nome*, que é sinal deste sinal, qual julgas ser a diferença entre sinal de *nome*, que já vimos ser *palavra*, e o mesmo *nome*, de que é sinal *palavra*?

ADEODATO - Penso haver esta diferença: tudo o que é significado por um nome, é-o também por uma palavra. Realmente, assim como nome é uma palavra, rio é também uma palavra. Nem tudo porém o que é significado por *palavra* é significado por *nome*. Assim, tanto aquele si, que o verso proposto por ti tem ao princípio, como o ex, a tratar do qual, desde há longo tempo, chegamos a estas considerações, guiados pela razão, tais vocábulos são palavras, e todavia não são nomes. Como estes, há muitos mais. Por conseguinte, visto que todos os nomes são palavras, mas nem todas as palavras são nomes, julgo ser clara a diferença que há entre *palavra* e *nome*, isto é, entre o sinal daquele sinal que não significa nenhuns outros sinais, e o sinal daquele sinal que por sua vez significa outros.

AGOSTINHO - Concedes que todo cavalo é animal, e que todavia nem todo animal é cavalo?

ADEODATO - Quem duvidará?

AGOSTINHO - Há pois entre nome e palavra a diferença que existe entre cavalo e animal. A não ser que porventura te impeça de concordar o fato de usarmos também *palavra* (*verbum*) noutra acepção [a de *verbo*]: por este significamos as palavras que se conjugam em diversos tempos, como *escrevo*, *escrevi*, *leio*, *li* — que evidentemente não são nomes.

ADEODATO - Disseste exatamente o que me fazia duvidar.

AGOSTINHO - Não te cause isso dificuldade. Com efeito, denominamos em geral sinais a tudo aquilo que significa alguma coisa, e entre eles verificamos que também estão as palavras. É assim que falamos de "sinais militares", que até peculiarmente se chamam "sinais", a que não pertencem as palavras. Seja como for, se eu te dissesse que, assim como todo cavalo é

animal, mas nem todo animal é cavalo, também toda palavra é sinal, mas nem todo sinal é palavra, nenhuma dificuldade, julgo eu, porias nisso.

ADEODATO - Entendo bem, e concordo plenamente: há entre o termo geral *palavra*, e *nome*, a mesma diferença que existe entre animal e cavalo.

AGOSTINHO - Sabes também que ao dizermos *animal*, uma coisa é este nome trissilábico, emitido com a voz, e outra o que significa?

ADEODATO - Já acima o admiti acerca de todos os sinais e *significáveis*.

AGOSTINHO - Julgas que todos os sinais significam alguma coisa diferente do que eles são? Assim o trissílabo que proferimos ao dizer *animal*, de modo nenhum significa isso que ele mesmo é.

ADEODATO - Não julgo, evidentemente. Com efeito quando dizemos *sinal*, esta palavra significa não só os restantes sinais, quaisquer que sejam, como também a si mesma. É uma palavra, e todas as palavras sem exceção são sinais.

AGOSTINHO - E então neste trissílabo que proferimos ao dizer *palavra*, não acontece algo semelhante? Pois se tudo o que com algum significado é proferido com voz articulada, o significa este trissílabo, também ele esta incluído no referido grupo.

ADEODATO - Assim é.

AGOSTINHO - E não se dá o mesmo com *nome*? Pois significando os nomes de todos os gêneros, o mesmo nome é um nome do gênero masculino. E se por acaso te perguntasse que parte da oração é um nome, que poderias responder-me corretamente, senão *é o nome*?

ADEODATO - Dizes a verdade.

AGOSTINHO - Há portanto sinais que se significam a si mesmos, entre as outras coisas que significam.

ADEODATO - Há.

AGOSTINHO - Parece-te que é desta natureza o sinal trissilábico que pronunciamos ao dizer — *conjunção*?

ADEODATO - De maneira nenhuma, pois os vocábulos que ele significa não são nomes; ora, ele é um nome.

CAPITULO V

[SINAIS RECÍPROCOS]

AGOSTINHO - Atendeste bem. Considera agora se haverá sinais que se signifiquem mutuamente, de maneira que assim como este é significado por aquele, assim aquele é significado por este. Na realidade não estão deste modo entre si o trissílabo que proferimos, ao dizer *conjunção*, e as palavras que por ele se significam, quando dizemos *se, ou, pois, ora, senão, portanto, porque*, e outras semelhantes. Efetivamente, estes vocábulos são significados por aquele sozinho, mas por nenhum destes é significado aquele único trissílabo.

ADEODATO - Bem vejo; e desejo conhecer quais os sinais que se significam mutuamente.

AGOSTINHO - Então não sabes que dizendo *nome e palavra*, dizemos duas palavras?

ADEODATO - Sei.

AGOSTINHO - E então ignoras que ao dizermos *nome e palavra*, dizemos dois nomes?

ADEODATO - Isso também o sei.

AGOSTINHO - Sabes por conseguinte que igualmente é significado *nome* por *palavra*, e *palavra* por *nome*.

ADEODATO - De acordo.

AGOSTINHO - Podes dizer a diferença que há entre eles, pondo de lado que se escrevem e soam diversamente?

ADEODATO - Talvez possa, pois vejo ser o que disse há pouco. Quando dizemos *palavra*, significamos tudo o que, com algum significado, é proferido com voz articulada. E assim todo nome, e o mesmo *nome*, que proferimos, é *palavra*. Nem toda *palavra* porém é nome, apesar de proferirmos um nome quando dizemos *palavra*.

AGOSTINHO - E se alguém te afirmar e provar que assim como todo nome é *palavra*, também toda *palavra* é nome? Poderias então encontrar algo em que difiram, além do som diverso das letras?

ADEODATO - Não poderei, nem julgo haver diferença absolutamente nenhuma.

AGOSTINHO - E se realmente todas as coisas, que são proferidas com voz articulada e algum significado, são ao mesmo tempo *palavras* e *nomes*, mas *palavras* por uma causa, e *nomes* por outra? Não haverá nenhuma diferença entre nome e *palavra*?

ADEODATO - Não entendo como isso possa ser.

AGOSTINHO - Entendes pelo menos que todo o colorado é visível, e todo o visível é colorado, embora estas duas *palavras* tenham distinta e diferente significação.

ADEODATO - Entendo.

AGOSTINHO - Que dizes, conseqüentemente, se de igual modo toda *palavra* é nome, e todo nome *palavra*, embora estes mesmos dois nomes ou duas *palavras*, isto é, *nome* e *palavra*, tenham diferente significação?

ADEODATO - Já vejo que pode acontecer, mas aguardo que mostres como isso acontece.

AGOSTINHO - Notas, julgo eu, que tudo o que é emitido com voz articulada e algum significado não só percute o ouvido, para poder ser sensoriado, como também é confiado à memória, para poder ser reconhecido.

ADEODATO - Noto.

AGOSTINHO - Portanto, quando proferimos alguma coisa com a mencionada voz, acontecem dois fatos distintos.

ADEODATO - Assim é.

AGOSTINHO - E se as palavras foram assim denominadas em virtude de um desses fatos, e em virtude do outro, os nomes? Ou seja, as palavras em razão da percussão, os nomes em razão do conhecimento. Desta forma, as primeiras teriam merecido denominar-se assim em razão dos ouvidos; os segundos, em razão do espírito.

ADEODATO - Concederei, desde que mostres como podemos chamar corretamente nomes a todas as palavras.

AGOSTINHO - É fácil, pois creio que aprendeste e tens presente o que é denominado pronome; este faz as vezes do nome, mas designa o objeto por uma significação menos completa do que o nome. De fato, segundo julgo, definiu-o assim aquele [autor] que tu repetiste ao professor de gramática: pronome é uma parte da oração, a qual colocada em vez do próprio nome, significa o mesmo objeto, embora menos perfeitamente.

ADEODATO - Lembro-me e aprovo.

AGOSTINHO - Vês portanto que, segundo esta definição, os pronomes estão unicamente ao serviço dos nomes, e só em lugar destes se podem colocar. Assim quando dizemos este *homem*, *o mesmo rei*, *essa mulher*, *este ouro*, *aquela prata* —, [os vocábulos] *este*, *mesmo*, *essa*, *este*, *aquela* são pronomes; *homem*, *rei*, *mulher*, *ouro*, *prata* são nomes, por meio dos quais as realidades são significadas mais plenamente do que pelos pronomes.

ADEODATO - Vejo e concordo.

AGOSTINHO - Então enuncia-me agora umas poucas conjunções quaisquer.

ADEODATO - E, ou, mas, também.

AGOSTINHO - Não te parece nomes todas essas coisas que disseste?

ADEODATO - Não; de maneira nenhuma.

AGOSTINHO - Mas ao menos parece-te que falei corretamente, ao dizer: todas essas *coisas que disseste*?

ADEODATO - Corretamente, sem a menor dúvida. E compreendo agora como me mostraste maravilhosamente que eu tinha enunciado nomes. De outro modo, não se poderia dizer deles corretamente: *todas essas coisas*. Mas na verdade receio ainda que me haja parecido teres falado corretamente, por eu não negar que essas quatro conjunções são também palavras. Deste modo, poderia dizer-se corretamente *todas estas coisas* visto que se diz corretamente *todas estas palavras*. Ora se me perguntares que parte da oração é *palavras*, não te responderei senão: *é um nome*. Assim, foi talvez a este nome acrescentado um pronome, para que essa tua asserção fosse correta.

AGOSTINHO - Enganas-te, mas atiladamente. Para deixares de te enganar, atende ainda mais atiladamente ao que vou dizer, se eu o conseguir dizer como pretendo. Com efeito é tão intrincado tratar de palavras por meio de palavras, como entrelaçar os dedos uns nos outros e friccionar. Ao fazê-lo, dificilmente alguém distingue, a não ser quem o faz, quais os dedos que sofrem de prurido, e quais aliviam os que dele sofrem.

ADEODATO - Aqui me tens presente com todo o espírito, pois essa comparação pôs-me atentíssimo.

AGOSTINHO - Não há dúvida de que eu pronuncio palavras, e que estas são constituídas por letras.

ADEODATO - Assim é.

AGOSTINHO - Portanto, e para nos servirmos principalmente da autoridade que nos é mais querida, quando o apóstolo Paulo diz: "não estava em Cristo o *é* [afirmativo] e o *não é*, mas somente o *é* estava n'Ele" (2 *Coríntios 1, 19*) — não creio dever-se julgar que fosse este monossílabo, pronunciado por nós ao dizer *é*, que existia em Cristo, mas sim o que por este monossílabo é significado.

ADEODATO - Dizes a verdade.

AGOSTINHO - Por conseguinte, entendes que quem diz "o *é* estava n'Ele" não disse mais que isto: chama-se *é* àquilo que estava n'Ele. Semelhantemente, se tivesse dito "a virtude estava n'Ele", não se conceberia que tivesse dito senão "chama-se virtude àquilo que estava n'Ele, não se fosse pensar que o que existia n'Ele eram as três sílabas que pronunciamos ao dizer *virtude*, e não aquilo que é significado por estas três sílabas.

ADEODATO - Compreendo e vou acompanhando.

AGOSTINHO - Além disso, compreendes certamente também nada importar que alguém diga: isto chama-se, ou isto denomina-se virtude.

ADEODATO - É evidente.

AGOSTINHO - Então é igualmente evidente nada importar que alguém diga: o que n'Ele estava chama-se *é*, ou denomina-se *é*.

ADEODATO - Vejo que também aqui não há diferença alguma.

AGOSTINHO - Vês também o que quero mostrar?

ADEODATO - Francamente, ainda não.

AGOSTINHO - Pois não vês que nome é aquilo por que se denomina uma coisa?

ADEODATO - Nada vejo inteiramente mais certo do que isso.

AGOSTINHO - Já vês então que é constitui um nome, pois aquilo que estava n'Ele denomina-se é.

ADEODATO - Não posso negar.

AGOSTINHO - Mas se te perguntasse que parte da oração constitui o é, julgo não dirias que ele constitui um nome, mas um verbo, embora a razão nos tenha ensinado que é também um nome.

ADEODATO - É exatamente como dizes.

AGOSTINHO - Acaso duvidas ainda que também as outras partes da oração são nomes, segundo o mesmo modo como demonstramos?

ADEODATO - Não duvido, já que confesso que elas significam alguma coisa. Mas se me perguntas como se chama cada uma das mesmas coisas que significam, isto é, como se denomina, não poderei dar como resposta senão aquelas mesmas partes da oração, a que não chamamos nomes, mas que, como bem compreendo, está provado que se deve chamar.

AGOSTINHO - Não te causa nenhuma dúvida poder existir alguém que abale este nosso raciocínio, dizendo que se deve atribuir autoridade, não às palavras do Apóstolo, mas às doutrinas? Assim, o fundamento desta convicção não seria tão sólido como julgamos. Poderia com efeito acontecer que Paulo, embora tivesse vivido e ensinado com a maior retidão, houvesse falado com menos justeza quando disse "o é estava n'Ele", sobretudo tendo confessado que era inábil na palavra (2 *Coríntios*, 11, 6). A teu parecer, como se deveria afinal refutar uma pessoa dessas?

ADEODATO - Nada tenho a opor, e peço-te que de preferência encontres alguém, de entre aqueles a quem se atribui maior conhecimento das palavras, por cuja autoridade tu consigas o que desejas.

AGOSTINHO - Parece-te então que prescindindo de autoridades, é menos firme a mesma razão, pela qual se demonstra que todas as partes da oração significam alguma coisa, e segundo isso são chamadas. Ora se são chamadas, também são denominadas, e se são denominadas, são-no certamente por um nome. Isto mesmo se verifica com toda a facilidade noutras línguas. Quem o não verá? Com efeito, se perguntares como denominam os gregos o que nós denominamos *quem*, responde-se *tis*; como denominam os gregos o que nós denominamos *quero* responde-se *céloo*; como denominam o que nós denominamos *perfeitamente*, responde-se *kalōos*; como denominam o que nós denominamos *escrito*, responde-se *tó gegramménom*. [Se continuares perguntando] como denominam eles o que nós denominamos *e*, responde-se *kai*; como denominam o que nós denominamos *donde*, responde-se *apó*; como denominam o que nós denominamos *aih*, responde-se *oí*.

Ora em todas estas partes da oração, que agora enumerei, quem assim interroga fala corretamente. Isto porém não poderia suceder se elas não fossem nomes. Conseqüentemente, podendo nós concluir por esta razão, e prescindindo das autoridades de todos os peritos na palavra, que o apóstolo Paulo falou corretamente, que necessidade temos de perguntar em que pessoa se apóia a nossa asserção?

Mas não seja haver que ainda não ceda, por ser mais lento em entender, ou impertinente, o declare que de nenhum modo cederá, a não ser aquelas autoridades a que por consentimento de todos se atribuem as leis das palavras, quem mais insigne do que Cícero se poderá encontrar, na língua latina? Ora este nos seus celebérrimos discursos intitulados *Verrinas*, chamou nome à preposição *diante de*, mesmo que ela fosse advérbio nesse lugar.

Contudo, como pode suceder que eu entenda menos bem essa passagem, e que ela seja explicada algures doutra maneira, por mim ou por outro, uma coisa há a que eu penso nada se pode responder. Dizem os mais famosos mestres da dialética que uma dicção completa, que possa ser afirmada ou negada, consta dum nome e dum verbo. O mesmo Túlio Cícero

chama algures a esse gênero de dicção um enunciado. Tratando-se da terceira pessoa dum verbo, dizem ser necessário estar com ela no nominativo o caso do nome. E com razão o dizem. Se o considerares comigo, julgo reconhecerás que há dois enunciados quando por exemplo dizemos: o homem senta-se; o cavalo corre.

ADEODATO - Reconheço.

AGOSTINHO - Vês que em cada um deles há o seu respectivo nome: no primeiro *homem*; no segundo, *cavalo*; e o seu respectivo verbo: no primeiro senta-se; no segundo *corre*.

ADEODATO - Vejo.

AGOSTINHO - Portanto se eu dissesse somente *senta-se*; ou somente *corre*, com razão tu me perguntadas: quem? Ou, o quê?, para eu responder: um homem; ou um cavalo; ou um animal; ou outra coisa qualquer; de modo que o nome que coubesse ao verbo completasse o enunciado, isto é, essa dicção que se pode afirmar e negar.

ADEODATO - Compreendo.

AGOSTINHO - Atende ao resto. Imagina que estamos a ver uma coisa bastante longe, e julgamos incerto se é um homem ou um rochedo, ou qualquer outra coisa. Não falaria eu inconsideradamente se te dissesse: porque é um homem, é um animal?

ADEODATO - De modo absolutamente inconsiderado. Mas sem dúvida não dirias inconsideradamente: se é um homem, é um animal.

AGOSTINHO - Dizes bem. Por conseguinte, no que disseste agrada-me e agrada também a ti o *se*; no que eu disse desagrada a cada um de nós o *porque*.

ADEODATO - De acordo.

AGOSTINHO - Vê presentemente se são enunciados completos estas duas dicções: agrada o *se*; desagrada o *porque*.

ADEODATO - Absolutamente completos.

AGOSTINHO - Adiante! Diz-me agora quais são neles os verbos e quais os nomes.

ADEODATO - Vejo que há neles os verbos *agrada*, e *desagrada*; nomes, que outros a não ser *se* e *porque*?

AGOSTINHO - Está portanto suficientemente provado que essas duas conjunções são nomes também.

ADEODATO - De modo inteiramente suficiente.

AGOSTINHO - Podes provar isto mesmo por ti próprio, segundo a mesma regra, a respeito das outras partes da oração?

ADEODATO - Posso.

CAPÍTULO VI

[OS SINÔNIMOS]

AGOSTINHO - Passemos então adiante. Diz-me agora: assim como averiguamos que todas as palavras são nomes, e todos nomes, palavras, assim também se parece que todos os nomes são vocábulos, e todos os vocábulos, nomes?

ADEODATO - Além do diverso som das sílabas, francamente não vejo que diferença haja entre eles.

AGOSTINHO - Nem eu por agora me oponho, embora não falte quem os distinga também quanto à significação. Não é preciso neste momento considerar tal opinião. Terás porém notado, com certeza, que já chegamos àqueles sinais que se significam mutuamente, sem outra diferença que a do som; e àqueles que a si mesmos se significam, com todas as restantes partes da oração.

ADEODATO - Não percebo.

AGOSTINHO - Não percebes pois que *nome* é significado por *vocábulo*, e *vocábulo* por *nome*, e de tal maneira que além do som das letras nada os distingue; isto pelo que diz respeito a *nome* em sentido geral, pois nós falamos também de *nome* em sentido especial, e este [nome] é o que entre as oito partes da oração não contém as outras sete.

ADEODATO - Percebo.

AGOSTINHO - E é isso o que eu disse, que *vocábulo* e *nome* se significam reciprocamente.

ADEODATO - Eu sei, mas pergunto o que querias dizer [ao afirmar]: já que também se significam a si mesmos, com as outras partes da oração.

AGOSTINHO - Não é verdade que o raciocínio anterior nos ensinou que todas as partes da oração tanto se podem dizer nomes como vocábulos, isto é, podem ser significados tanto por *nome*, como por *vocábulo*?

ADEODATO - Assim é.

AGOSTINHO - E então? O mesmo nome, isto é, este som expresso por duas sílabas, se eu te perguntar como lhe chamas, não me responderás corretamente *nome*?

ADEODATO - Sim, corretamente.

AGOSTINHO - E este sinal que pronunciamos em três sílabas, quando dizemos *conjunção*, será que de igual modo se significa a si mesmo? O fato é que este nome não pode ser contado entre os outros que ele significa.

ADEODATO - Compreendo-o devidamente.

AGOSTINHO - É isto o que eu queria dizer: nome significa-se a si mesmo, juntamente com os outros termos que significa. Isto mesmo é fácil compreenderes por ti próprio, a respeito de *vocábulo*.

ADEODATO - Agora é fácil. Mas neste momento vem-me à mente que *nome* se diz em sentido geral e especial; *vocábulo* porém não se inclui entre as oito partes da oração. Portanto julgo que há também entre eles esta diferença, além do som diverso.

AGOSTINHO - E que te parece, entre *nome* e *ónoma* crês existir alguma diferença além do som, pelo qual também se distinguem as línguas latina e grega?

ADEODATO - Aqui, verdadeiramente nada mais verifico.

AGOSTINHO - Chegamos portanto a sinais que não só se significam a si mesmos, mas também um significa o outro mutuamente, e tudo o que por um é significado é-o também pelo outro, em nada mais diferindo entre si que no som. Encontramos agora mesmo este quarto caso, pois os três anteriores verificam-se a respeito de *nome* e *palavra*.

ADEODATO - Chegamos realmente.

CAPITULO VII

[RESUMO DO QUE SE EXPÔS]

AGOSTINHO - Queria que relatasse agora o que averiguamos ao longo desta conversação.

ADEODATO - Farei quanto puder. Primeiro que tudo, lembro-me de que investigamos por algum tempo o motivo por que falamos. Concluimos não só que falamos ou para ensinar ou para rememorar, visto que, mesmo ao interrogar, não nos propomos senão que quem é interrogado conheça o que queremos ouvir, as também que no canto, aquilo que notamos ser eito por deleitação, não é próprio da locução; e final-ente, que ao orarmos a Deus, a quem não podemos pensar que ensinamos ou rememoramos, as palavras servem ou para nos advertirmos a nós mesmos, ou para que os outros sejam quer advertidos quer ensinados por nós.

Em seguida, estabelecido devidamente que as palavras são apenas sinais, e que não podem ser sinais as coisas que nada significam, propuseste um verso, de que eu deveria esforçar-me por mostrar o significado de cada palavra. O verso era este: "*Si nihil ex tanta Superis placet urbe relinqui*" (se nada, de tamanha cidade, apraz aos deuses que fique — *Eneida*, II, v. 659). Da segunda palavra, embora conhecidíssima e muitíssimo clara, não descobríamos o que significava. Parecendo-me a mim que não era em vão que a inseríamos na conversação, mas que por ela alguma coisa ensinávamos a quem nos ouvia, tu respondeste que talvez com esta palavra se indicasse a própria afecção da mente, quando descobre, ou pensa ter descoberto, que uma coisa que ela busca não existe. Depois, evitando a gracejar não sei que profunda questão, diferiste para outra ocasião esclarecer o assunto. Não me julgues esquecido da tua dívida.

A seguir, esforçando-me eu por expor a terceira palavra do verso, instavas comigo para que apresentasse a própria realidade, significada pela

palavra, e não outra palavra que significasse o mesmo. Tendo eu dito que isso não se podia fazer conversando, passou-se aos objetos que se mostram com o dedo a quem interroga. Julgava eu que eram todos os objetos corporais, mas concluímos que são só os visíveis. Daqui, não sei como, chegamos às pessoas surdas e aos atores, que por meio do gesto, e sem palavras, significam não só as coisas que se podem ver, mas além delas muitas outras, e quase tudo aquilo que se pode falar. Verificamos contudo que mesmo esses gestos são sinais.

Começamos então de novo a examinar como conseguiríamos mostrar, sem quaisquer sinais, as realidades mesmas que se significam por sinais uma vez provado que mesmo aquela parede, a cor, e tudo o que é visível e se mostra com um aceno do dedo, é por determinado sinal que se mostra. Tendo eu aqui errado, dizendo que se não podia encontrar nada desse gênero, concordamos finalmente em que se podiam mostrar sem sinal as coisas, que, quando nos são perguntadas, não as estamos a fazer, e podemos fazer depois da pergunta. A locução, todavia, não era deste gênero, pois viu-se com muita clareza ser fácil mostrá-la por meio de si mesma, quando, estando nós a falar, nos perguntam o que é locução.

Tudo isto nos advertiu de que ou por meio de sinais se mostram sinais, ou por meio de sinais [se mostram] outras coisas que não são sinais, ou então, sem sinal, se mostram coisas que se podem fazer depois da interrogação. Deste três casos tomamos o primeiro, para o considerar e discutir mais cuidadosamente.

Desta discussão ficou apurado que em parte há sinais, que não podem ser reciprocamente significados pelos sinais que eles mesmos significam, como é este trissílabo que proferimos ao dizer *conjunção*; e em parte há-os que podem; assim ao dizermos *sinal*, significamos também *palavra*, e quando dizemos *palavra*, significamos também sinal. Com efeito, *sinal* e *palavra* não são apenas dois sinais, mas duas palavras.

Neste grupo, em que os sinais se significam reciprocamente, mostrou-se que uns não têm a mesma extensão, outros têm, e outros até se identificam. Com efeito, este dissílabo que ressoa ao dizermos *sinal*, significa sem exceção todos os sinais, pelos quais é significado seja o que for. Quando porém dizemos *palavra*, não se trata já de um sinal de todos os sinais, mas só daqueles que são proferidos com voz articulada. Donde se vê com clareza que embora se signifique *palavra* por *sinal*, e *sinal* por *palavra*,

isto é, aquelas três sílabas por estas, e estas por aquelas, sinal tem maior extensão que *palavra*. Significam-se de fato mais por aquelas três sílabas, do que por estas. No entanto, *palavra* em sentido geral, e *nome* em sentido geral têm a mesma extensão.

Com efeito, ensinou-nos o raciocínio que todas as partes da oração são também nomes, pois a elas se podem juntar pronomes, e de todas elas se pode afirmar que denominam alguma coisa, não havendo nenhuma delas que, juntando-se o verbo, não possa formar um enunciado perfeito.

Mas embora nome e palavra tenham a mesma extensão, pois tudo o que é palavra é também nome, entretanto não se identificam. Efetivamente, que por uma razão são designadas assim as palavras, e por outra razão os nomes, foi considerado muito provável. Ter um destes vocábulos sido descoberto para assinalar a percussão do ouvido, e o outro, a rememoração do espírito, até por isto se pode compreender que ao falar, e desejando fixar algo na memória, dizemos com toda a propriedade: que nome tem esta coisa? Mas não costumamos dizer: que palavra tem esta coisa?

Quanto aos que não só têm a mesma extensão, mas significam exatamente o mesmo, e entre os quais nenhuma diferença há além do som das letras, encontramos *nome* e *ónoma*.

No grupo em que os termos se significam mutuamente, tinha-me inteiramente escapado não havermos encontrado nenhum sinal, que entre as outras coisas que significa, não se significasse também a si mesmo.

Recordei isto o melhor que pude. Tu, que julgo nada teres dito nesta conversa, de que não estivesses ciente e certo, tu agora verás se eu percorri bem e ordenadamente estas matérias.

[II PARTE]

[OS SINAIS, A REALIDADE E O MESTRE]

CAPÍTULO VIII

[SINAIS E REALIDADE]

AGOSTINHO - Reproduziste bastante bem, de memória, tudo o que eu desejaria; e declarar-te-ei que essas matérias distinguidas se me apresentam agora com muito maior clareza do que quando as tirávamos de não sei que esconderijo, ao inquirir e discorrer sobre elas. Mas é difícil nesta altura dizer aonde pretendo chegar contigo, ao longo de tantos rodeios. Com efeito, talvez julgues que estamos a brincar, e que para assim dizer desviamos o espírito de coisas sérias, com certas questiúnculas infantis; ou então, que buscamos algum bem diminuto ou medíocre. Se porém conjecturas que esta discussão há de produzir alguma coisa de grande, o teu desejo é conhecê-la imediatamente, ou pelo menos ouvi-la.

Mas quereria acreditasses que com esta conversa não empreendi um divertimento trivial, embora talvez brinquemos, mas isto mesmo não se deve interpretar em sentido pueril; e também que não tenho em vista bens diminutos ou medíocres. Contudo, se disser que existe uma vida venturosa e sempiterna, à qual desejo que cheguemos por certos degraus, proporcionados ao nosso débil passo, [e isso] tendo a Deus por guia, isto é, a mesma Verdade, temo parecer ridículo ao começar a empreender tão grande caminhada pela consideração dos sinais, e não das coisas mesmas que por eles são significadas.

Vais pois permitir que preludie contigo, não com o fim de brincar, mas de exercitar as forças e a vista da mente, a fim de por seu meio podermos, não apenas comportar, mas até amar o calor e a luz dessa região, onde se encontra a vida venturosa.

ADEODATO - Continua antes como começaste, pois nunca haja eu de ter por desprezível o que tu julgares que se deva dizer ou fazer.

AGOSTINHO - Adiante, pois! Consideremos então agora aquela parte, em que são significadas com sinais, não outros sinais, mas as coisas a que chamamos significáveis. E antes de mais, diz-me se homem é homem.

ADEODATO - Agora, na verdade, não sei se não estás a brincar.

AGOSTINHO - Por quê?

ADEODATO - Porque entendes que me deves perguntar se o homem é alguma coisa diferente do homem.

AGOSTINHO - Creio que do mesmo modo julgarias estar eu a brincar contigo, se também te perguntasse se a primeira sílaba deste nome era alguma coisa diferente de *ho-*, e a segunda, alguma coisa diferente de *-mem*.

ADEODATO - Absolutamente do mesmo modo.

AGOSTINHO - Mas *homem* é estas duas sílabas unidas; negá-lo-ás?

ADEODATO - Quem o negará?

AGOSTINHO - Pergunto então se tu és estas duas sílabas unidas!

ADEODATO - De modo algum, mas vejo aonde queres chegar.

AGOSTINHO - Di-lo então, não suceda que me julgues desrespeitoso.

ADEODATO - Pensas concluir-se que eu não sou homem.

AGOSTINHO - E quê? Não pensas o mesmo, tu que concedes que são verdadeiros todos os antecedentes, dos quais isto se conclui?

ADEODATO - Não te direi o que penso, antes de ouvir de ti se, quando me perguntas se homem é homem, me interrogas sobre essas duas sílabas, ou acerca da coisa mesma que elas significam.

AGOSTINHO - Responde antes tu em que sentido tomaste a minha interrogação. Com efeito, se é ambígua, a isso deverias ter primeiramente atendido, e não me responder antes de estares certo do modo como eu perguntara.

ADEODATO - Mas como me impediria essa ambigüidade, se eu respondia a uma coisa e outra? Com efeito, o homem é inteiramente homem; essas duas sílabas não são senão duas sílabas; e aquilo que significam não é senão a realidade existente.

AGOSTINHO - Isso, disseste-o então muito esclarecidamente. Mas por que é que tomaste segundo os dois aspectos só isto que se disse — homem, e não também as outras palavras que proferimos?

ADEODATO - Por onde me provas que não tomei desse modo as outras palavras?

AGOSTINHO - Para omitir outras razões, [é verdade que] se a minha primeira pergunta a tivesses tomado toda pelo aspecto das sílabas que soam, nada me terias respondido; efetivamente poderia até parecer-te que também eu nada tinha perguntado. Agora porém, quando eu fiz ressoar três palavras, uma das quais repeti ao inquirir — se homem é homem — que a palavra central e a final [isto é, homem] não as tomaste segundo os sinais mesmos, mas segundo a realidade por elas significada, é manifesto mesmo só por isto, que imediatamente julgaste dever responder à pergunta, certo e confiante.

ADEODATO - É verdade o que dizes.

AGOSTINHO - Por que é então que só à palavra central te aprouve tomá-la não apenas segundo o som, mas também segundo aquilo que significa?

ADEODATO - O fato é que agora tomo tudo só pelo lado daquilo que é significado. Concorro efetivamente contigo; de nenhum modo se pode conversar se, ao ouvir as palavras, o espírito não é levado para as coisas de que elas são sinais. E assim, mostra-me agora de que modo me deixei enganar por aquele raciocínio do qual se conclui não ser eu homem.

AGOSTINHO - Pelo contrário, farei de novo as mesmas perguntas para tu mesmo encontrares onde falhaste.

ADEODATO - Está bem.

AGOSTINHO - Ora não perguntarei aquilo que primeiro tinha perguntado, visto que já o concedeste. Vê pois com especial atenção se a sílaba *ho-* nada mais é do que *ho-*, e se a sílaba *-mem* nada mais é do que *-mem*.

ADEODATO - Aqui verdadeiramente não vejo mais nada.

AGOSTINHO - Vê também se da junção destas duas sílabas se faz um homem.

ADEODATO - De modo nenhum o concederia. Ficou efetivamente estabelecido, e estabelecido com razão, que dado um sinal se atende ao que ele significa, e pelo exame disso se concede ou nega o que se diz. Ora, essas sílabas pronunciadas em separado, por ressoarem sem significação alguma, está concedido que são elas apenas o que ressoam.

AGOSTINHO - Fica pois assente, e tu mantém-no firme no espírito, que se não deve responder às perguntas senão segundo as coisas mesmas, que as palavras significam.

ADEODATO - Não vejo por que não haja de ficar assente, desde que se trate de palavras.

AGOSTINHO - Queria saber como impugnadas esse indivíduo, de quem costumamos ouvir dizer, aos gracejadores, que concluiu ter saído um leão da boca da pessoa com quem estava a disputar. Tendo com efeito perguntado se o que dizemos procede da nossa boca, e não o tendo o outro podido negar, fez com que este ao falar nomeasse um leão, o que foi fácil de conseguir. Quando tal aconteceu, começou a injuriá-lo jocosamente e a apertá-lo, porque tendo confessado que tudo aquilo que proferimos sai da nossa boca, e

não podendo negar que tinha proferido *leão*, sendo ele homem sem maldade, dava mostras de ter lançado pela boca um animal tão feroz.

ADEODATO - Pois não seria nada difícil impugnar esse gracejador. Eu não concederia que sai da nossa boca tudo aquilo que dizemos. Com efeito, aquilo que dizemos significamo-lo. Ora da boca de quem fala não sai a coisa que se significa, mas o sinal com que ela se significa, a não ser quando se significam os próprios sinais. Deste caso tratamos pouco antes.

AGOSTINHO - Estarias de fato bem munido contra tal homem dessa maneira. Entretanto, que me responderás ao pergunta-te se *homem* é um nome?

ADEODATO - O quê, senão um nome?

AGOSTINHO - Como assim? Quando te vejo, vejo porventura um nome?

ADEODATO - Não.

AGOSTINHO - Queres então que te diga o que se segue?

ADEODATO - Não, peço-te, pois eu a mim mesmo declaro não ser homem, eu que respondi ser um nome, quando me perguntaste se *homem* era um nome. Com efeito, já tinha ficado por nós assente que a partir da coisa significada é que se aprova ou nega o que se diz.

AGOSTINHO - Mas a mim parece-me que não foi sem motivo que caíste nessa resposta; é que a própria lei da razão, inscrita nas nossas mentes, sobrepujou a tua atenção. Se eu te perguntasse o que era *homem*, responderias talvez *animal*; mas se perguntasse que parte da oração era *homem*, de modo nenhum poderias responder corretamente senão: um *nome*. Por esta razão, visto que homem se apresenta nome e animal, diz-se ser o primeiro, enquanto é sinal; e o segundo, quanto à coisa que significa. A pessoa portanto que pergunta se homem é um nome, devo responder-lhe apenas que é, pois ela indica suficientemente que quer resposta enquanto ele é um sinal. Mas se pergunta se é animal, anuirei muito mais prontamente. Se

porém perguntasse simplesmente: que é homem? Silenciando nome e animal, o espírito dirigir-se-ia para aquilo que é significado pelas duas sílabas, por essa lei da fala por nós aceita, e nada mais se responderia senão *animal*, ou mesmo pronunciar-se-ia a definição completa, ou seja, animal racional mortal. Não te parece?

ADEODATO - Parece-me, absolutamente. Mas tendo nós concedido que *homem* é nome, como evitar essa conclusão extremamente afrontosa, pela qual se infere que não somos homens?

AGOSTINHO - De que modo julgas tu, senão esclarecendo que ela não foi tirada do aspecto, segundo o qual tínhamos assentido a quem nos interrogava? Ou se este declara que a tira desse aspecto, de modo nenhum há que a temer. Porque hei de eu ter medo de confessar que não sou homem, isto é, essas duas sílabas?

ADEODATO - Nada mais exato. Mas por que nos fere então o espírito quando se diz — portanto não és homem — uma vez que, segundo o que foi admitido, nada de mais verdadeiro se podia dizer?

AGOSTINHO - Porque não posso deixar de supor, logo que soam tais palavras, que a conclusão se refere ao que é significado por essas duas sílabas, em virtude daquela lei que tem muita força na ordem da natureza, a saber, que, ouvidos os sinais, o pensamento se dirija para as coisas significadas.

ADEODATO - Fico ciente do que dizes.

CAPÍTULO IX

[PRIMAZIA DAS REALIDADES]

AGOSTINHO - E agora quero que entendas deverem as realidades significadas ser tidas em maior conta que os sinais. Com efeito, tudo o que é por causa de outra coisa merece necessariamente menos estima do que aquilo por causa do qual é; a não ser que tu julgues o contrário.

ADEODATO - Parece-me que neste ponto não se deve dar inconsideradamente o assentimento, pois ao dizermos *imunáicie* (*coenum*), julgo que este nome é incomparadamente superior à coisa que significa. O que nos fere ao ouvi-lo não pertence ao som da palavra mesma, pois a palavra *coenum* (imundície), mudada uma letra, é *coelum* (céu). Ora entre as realidades significadas por estes nomes, vemos qual a distancia. Por conseguinte, de modo nenhum atribuirei a este sinal o que aborrecemos na coisa que ele significa. Portanto, a esta anteponho justamente aquele. De fato, com mais agrado ouvimos o sinal do que nos apercebemos dessa coisa por meio de algum sentido.

AGOSTINHO - É responder com a máxima lucidez! Por conseguinte, é falso que todas as coisas se devem ter em maior conta que os seus sinais.

ADEODATO - Assim parece.

AGOSTINHO - Diz-me pois o que julgas pretenderem aqueles que deram o nome a uma coisa tão asquerosa e desprezível, e se os aprovas ou desaprovas.

ADEODATO - Eu verdadeiramente nem ousou aprová-los nem desaprova-los; também não sei o que pretendiam.

ATGOSTINHO - Podes ao menos tu saber o que pretendes quando pronúncias esse nome?

ADEODATO - Isso posso perfeitamente, pois quero proferir um sinal para ensinar ou advertir dessa realidade a pessoa com quem falo, visto julgar necessário ensiná-la ou adverti-la.

AGOSTINHO - Mas quê? O mesmo ensinar ou advertir, bem como o ser ensinado ou advertido, coisa que tu ou fazes ou te é feito comodamente por meio deste nome, não será mais digno de estima do que o mesmo nome?

ADEODATO - Concedo que a ciência mesma, que advém por este sinal, se deve antepor ao próprio sinal; mas nem por isso julgo que a própria realidade também.

AGOSTINHO - Por conseguinte, nessa nossa afirmação, embora seja falso que todas as coisas se devem antepor aos seus sinais, não é todavia falso que tudo o que é por causa de outra coisa merece menos estima do que aquilo por causa do qual é. De fato o conhecimento da imundície, em razão do qual se formou este nome, deve ser tido em maior conta que o mesmo nome; este por sua vez, como verificamos, deve antepor-se a esta mesma imundície. Efetivamente, não foi por outro motivo que se antepôs este conhecimento ao sinal de que tratamos, senão por se demonstrar que o sinal é por causa do conhecimento, e não este por causa daquele. E assim, tendo certo glutão, e como diz o Apóstolo, adorador do ventre (*Romanos*, 16,18) afirmado que vivia para comer, não o suportou certo homem frugal que o ouvia, e disse: "quanto melhor seria que comesses para viver". Falou assim, evidentemente, por essa mesma lei.

Na verdade, o primeiro não foi desaprovado por outro motivo, senão por ter avaliado em tão pouco a sua vida, que a considerou mais vil que o prazer da gula, dizendo que vivia para os manjares; o segundo não recebe justamente louvor por outro motivo, senão porque entendendo qual é, entre ou seja, qual é a que está subordinada à outra, admoestou que se deve comer para viver, e não viver para comer. Talvez de modo semelhante, tu mesmo e qualquer dos homens que não ajuíze das coisas ineptamente, a algum fala-barato e amador de palavras que dissesse — eu ensino para falar —

responderias: homem! porque não falas antes para ensinar? Se isto é verdade, como reconheces que é, vês com certeza em quanto menor conta se devem ter as palavras, do que aquilo por cuja causa as usamos, pois até o mesmo uso das palavras se deve antepor a elas, já que as palavras são para usarmos delas, e usamo-las para ensinar. Por conseguinte, quanto é melhor ensinar que falar, tanto é melhor a locução que as palavras. Conseqüentemente, vale muito mais o ensino que as palavras. Mas desejo ouvir o que porventura julgas se deve dizer em contrário.

ADEODATO - Concordo em que de fato o ensino vale mais que as palavras, mas ignoro se nada há que se possa objetar ao princípio que diz: tudo o que é por causa de outra coisa é inferior àquilo por causa do qual é.

AGOSTINHO - Trataremos disso noutra altura, mais oportuna e cuidadosamente; para aquilo que pretendo concluir, basta-me agora o que admites. Concedes efetivamente que o conhecimento das coisas é de maior estima que os sinais das coisas. E assim, o conhecimento das coisas que se significam deve antepor-se ao conhecimento dos sinais. Não te parece?

ADEODATO - Admiti eu que o conhecimento das coisas é mais excelente que o conhecimento dos sinais, ou que este último é superior aos mesmos sinais. Por isso hesito neste ponto em concordar contigo. Que pensar, se, da mesma maneira que o nome *imundície* é melhor que a coisa que significa, assim também o conhecimento deste nome se deve antepor ao próprio conhecimento dessa coisa, embora o mesmo nome seja inferior a tal conhecimento? Com efeito, há quatro elementos: o nome, a coisa, o conhecimento do nome e o conhecimento da coisa. Assim como o primeiro elemento, o nome é superior ao segundo, porque não também o terceiro ao quarto? Mas para não ser superior, terá porventura de lhe ser subalternizado?

AGOSTINHO - Vejo que de maneira verdadeiramente admirável fixaste o que concedeste, e explicaste o que pensas. Compreendes todavia, segundo julgo, que este nome trissilábico que soa ao dizermos vício, é melhor que aquilo que significa; e entretanto o conhecimento desse nome é muito inferior ao conhecimento dos vícios. Deste modo, embora proponhas também e consideres esses quatro elementos, a saber, o nome, a coisa, o

conhecimento do nome e o conhecimento da coisa, com razão antepomos o primeiro ao segundo.

Efetivamente, esse nome posto num poema, quando Pérsio diz — "mas este, pelo vício, torna-se um dementado" (*Sátira* 3, v. 32) — não só não causou nada de vicioso no verso, como até lhe deu um pouco de ornato; ao passo que, se a coisa mesma significada por este nome se encontra seja em quem for, torna-o forçosamente vicioso. Ora não vemos que de modo semelhante o terceiro seja superior ao quarto, mas sim o quarto ao terceiro. O conhecimento desse nome, efetivamente, é de pouco valor, ao pé do conhecimento dos vícios.

ADEODATO - Ainda quando este conhecimento nos torna mais infelizes, és porventura de opinião que se deve preferir? Com efeito o mesmo Pérsio, a todas as penas que a crueldade dos tiranos excogitou, ou a sua ambição sofreu, antepõe esta única, pela qual são atormentados os homens quando obrigados a reconhecer os vícios que não podem evitar.

AGOSTINHO - Desse modo, podes também negar que se deva preferir o próprio conhecimento das virtudes ao conhecimento do seu nome, pois ver uma virtude sem a ter é um suplício, com que o mesmo satírico desejou que fossem punidos os tiranos (*ib.*, v. 35-38).

ADEODATO - Afaste Deus tal loucura! De fato já percebo que não se devem inculpar esses conhecimentos, com que a melhor das disciplinas nos instrui o espírito; mas devem-se julgar como os mais infelizes de todos aqueles que são afetados por tal doença, que nem tão grande remédio lhes consegue valer. Cuido que também Pérsio assim os julgou.

AGOSTINHO - Pensas bem. Mas seja o que for da afirmação de Pérsio, que nos importa? Em coisas destas não estamos sujeitos à autoridade de tais pessoas. Além disso, não é fácil explicar aqui se algum conhecimento se deve preferir a outro. O que se concluiu tenho-o já por suficiente, a saber, que o conhecimento das coisas que são significadas é mais valioso que os mesmos sinais, não o seja embora quanto ao conhecimento dos sinais. Por conseguinte, investiguemos mais e mais qual é o gênero das realidades, que

dizíamos poderem-se mostrar por si mesmas sem sinais, como falar, caminhar, sentar-se, deitar-se e outras semelhantes.

ADEODATO - Já me recordo do que dizes.

CAPÍTULO X

[REALIDADES CONHECIDAS SEM SINAL]

AGOSTINHO - Parece-te que sem sinal se podem mostrar todas as coisas que, uma vez interrogadas, podemos executar imediatamente? Excetuas alguma?

ADEODATO - Tendo considerado repetidas vezes todo este gênero de coisas, nada encontro ainda que seja capaz de ser ensinado sem sinal, a não ser porventura a locução, e se acaso alguma pessoa perguntar isso mesmo, o que seja ensinar. Vejo de fato que, faça eu o que fizer depois da sua interrogação, para que essa pessoa aprenda, não o aprende por meio dessa mesma coisa, que deseja lhe seja mostrada. Com efeito, se alguém me pergunta o que é caminhar estando eu parado, como se disse, ou a fazer outra coisa, e eu começando imediatamente a caminhar, me esforce por lhe ensinar sem sinal aquilo que me perguntou, como evitarei que julgue que caminhar é apenas percorrer quanto eu tiver caminhado? Se o julgar enganar-se-á, pois de quem quer que caminhe, ou menos ou mais que eu, desse não julgará que caminhou. E o que disse desta única palavra aplica-se a todas as coisas, sobre que eu tinha concordado em poderem ser mostradas sem sinal, fora as tais duas que excetuamos.

AGOSTINHO - Admito isso, realmente; mas não te parece que uma coisa é falar, outra é ensinar?

ADEODATO - Parece, sem dúvida; porque se fosse a mesma coisa, ninguém ensinaria senão falando; mas como ensinamos muitas coisas por meio de outros sinais além das palavras, quem duvidará desta diferença?

AGOSTINHO - E quê? Entre ensinar e significar não há nenhuma diferença, ou diferem em alguma coisa?

ADEODATO - Penso que é a mesma coisa.

AGOSTINHO - Portanto, quem diz que nós significamos para ensinar, não é corretamente que o diz?

ADEODATO - Corretamente, sem dúvida.

AGOSTINHO - E se um outro disser que ensinamos para significar? Não será facilmente refutado, em virtude da afirmação anterior?

ADEODATO - Assim é.

AGOSTINHO - Portanto, se significamos para ensinar, e não ensinamos para significar, uma coisa é ensinar, outra significar.

ADEODATO - Dizes a verdade; e eu não respondi corretamente que uma coisa e outra eram o mesmo.

AGOSTINHO - Responde-me agora a isto: aquele que ensina o que é ensinar, fá-lo significando ou de outro modo?

ADEODATO - Não vejo como poderá de outro modo.

AGOSTINHO - É falso portanto o que disseste pouco atrás: que se podia ensinar uma coisa sem sinais, quando se pergunta o que seja o mesmo ensinar; pois vemos que nem isso se pode fazer sem o uso de sinal, dado teres concedido que uma coisa é significar e outra ensinar. Se de fato são diversas, como se vê, e esta segunda não se mostra sem ser pela primeira, evidentemente que não se mostra por si mesma, como a ti pareceu. E assim, nada ainda se encontrou que se possa mostrar por si mesmo, exceto a locução, que entre outras coisas também se significa a si mesma. Mas como também ela é um sinal, ainda não se apresenta nada que pareça poder ensinar-se sem sinais.

ADEODATO - Não tenho nenhuma razão para não estar de acordo.

AGOSTINHO - Ficou então demonstrado que nada se pode ensinar sem sinais, e que devemos ter em maior estima o conhecimento mesmo, do que os sinais com que conhecemos, embora nem todas as coisas que são significadas, possam ser preferíveis aos próprios sinais.

ADEODATO - Assim parece.

AGOSTINHO - Pergunto se recordas por que longo circuito se levou ao fim uma coisa tão diminuta. De fato, desde que estamos a trocar palavras, o que fazemos há tanto tempo, esforçamo-nos por averiguar estas três questões: se nada se pode ensinar sem sinais; se há alguns sinais que se devem preferir às coisas que eles significam; e se o conhecimento mesmo das coisas é melhor que os sinais. Mas há uma quarta que desejaria saber brevemente de ti: se estas questões as julgas de tal maneira averiguadas, que já não podes duvidar delas.

ADEODATO - Eu bem quereria que, com tantos rodeios e voltas, se tivesse chegado a certezas; mas não sei como esta tua pergunta não só me inquieta, como também me desvia do assentimento, pois parece que não me perguntarias isso, se não tivesses que replicar. Ora a mesma complicação das matérias não me permite observar o conjunto, e responder com segurança. Temo que em tantas circunvoluções alguma coisa se oculte, que a vista da minha mente não consiga penetrar.

AGOSTINHO - Aceito essa tua dúvida, e não de mau grado, pois ela é sinal de espírito nada temerário, e isso é a melhor guarda da serenidade. Com efeito, é extremamente difícil não ficar subvertido, quando aquilo que mantínhamos com precipitada e apaixonada aprovação é arruinado por discussões contrárias, e como que arrancado das nossas mãos. Por isso, assim como é justo anuir a razões bem consideradas e examinadas, assim também é perigoso ter por conhecidas coisas desconhecidas. É efetivamente de temer que, ruindo freqüentemente aquilo que presumíamos haver de permanecer e durar com a maior firmeza, caímos em tal ódio ou temor da razão, que pareça não se dever dar crédito nem à mesma verdade evidente.

Mas adiante! Examinemos de novo, agora mais rapidamente, se julgaste com razão deverem estas questões pôr-se em dúvida. E assim, faço-te uma pergunta. Imagina alguém, ignorante de armadilhas de pássaros, que se fazem com canas e visco. Essa pessoa encontra-se com um passarinho provido dos seus instrumentos, não porém a caçar, mas de caminho. Tendo-o visto, aperta o passo, e admirado, como sucede, pensa consigo e pergunta o que quer dizer aquele adereço de homem. O passarinho vendo essa pessoa atenta a si, pelo desejo de se mostrar prepara as canas, e com uma cana e um falcão suspende, sujeita e agarra algum passarinho que vira próximo. Não teria [o passarinho] ensinado ao seu espectador, sem nenhum sinal, mas com a realidade mesma, aquilo que ele desejava saber?

ADEODATO - Receio haja aqui algo semelhante ao que eu disse a propósito de quem pergunta o que é caminhar. Na verdade, também não vejo que aqui se mostre todo esse processo de caça.

AGOSTINHO - É fácil desembaraçar-te desse cuidado, pois acrescento: supõe-se que essa pessoa é tão inteligente, que por aquilo que viu fica a conhecer todo esse gênero de arte. Para a nossa questão é suficiente que sem sinal a alguns homens se possam ensinar certas coisas, embora não todas.

ADEODATO - Também eu, ao homem de que tínhamos antes falado posso acrescentar isto: supondo-se que é muito inteligente, uma vez que se mostrou com poucos passos o andamento, conhecerá totalmente o que é caminhar.

AGOSTINHO - Por mim autorizo-te a fazê-lo, e não só em nada me oponho, mas ainda te sou favorável. Vês como de fato foi por cada um de nós concluído isto, que sem sinais podem a alguns homens ensinar-se certas coisas, e que é falso o que há pouco nos parecia — que não há absolutamente nada que possa ser mostrado sem sinais. E de entre essas coisas, já não é uma só ou outra, mas milhares que ocorrem ao espírito, as quais sem nenhum sinal dado se mostram por si mesmas. Por que duvidar, peço que me digas? Omitamos os inumeráveis espetáculos dos homens, que os apresentam em todos os teatros por meio das coisas mesmas, sem sinal; este sol, evidentemente, e esta luz que inunda e reveste todas as coisas, a lua e os restantes astros, as terras e os mares, e tudo o que de inumerável é neles

produzido — não é por si mesmos que Deus e a natureza os expõem, e mostram aos que os contemplam?

Se considerarmos isto mais cuidadosamente, talvez não encontres nada que se aprenda pelos seus sinais. Com efeito, quando me é dado um sinal, se ele me encontra ignorante da coisa de que é sinal, nada me pode ensinar; e se me encontra sabedor, que aprendo eu por meio do sinal?

Assim, quando leio "as suas *sarabalas* não foram alteradas" (*Daniel*, 3, 34), esta palavra não me mostra a coisa que significa. Efetivamente, se por este termo se denominam certas coberturas da cabeça, acaso tendo-o eu ouvido aprendi o que é a cabeça, ou o que são coberturas? Conhecia já antes essas coisas, e o conhecimento delas adveio-me não quando foram denominadas por outros, mas quando vistas por mim. Na verdade, quando estas três sílabas, que pronunciamos ao dizer *cabeça*, percutiram pela primeira vez meus ouvidos, desconhecia tanto o que elas significavam, como quando ouvi ou li pela primeira vez *sarabalas*. Mas como se dizia muitas vezes *cabeça*, eu notando e advertindo quando se dizia, descobri ser o vocábulo de uma coisa que já me era conhecidíssima pela vista. Antes de o ter descoberto, esta palavra era apenas um som para mim; aprendi que era um sinal, quando descobri de que realidade era sinal. Essa realidade, como já disse, tinha-a eu aprendido não por meio de sinal, mas pela visão. E assim, mais se aprende o sinal por meio da realidade conhecida, do que a própria realidade por um sinal dado.

Para entenderes isto mais claramente, imagina que neste momento ouvíamos pela primeira vez dizer *cabeça*, e que ignorando se este vocábulo é simplesmente sonante, ou se significa também alguma coisa, perguntávamos o que vinha a ser *cabeça*. Lembra-te de que não é da coisa que se significa, mas do mesmo sinal que pretendemos ter conhecimento; estamos privados deste conhecimento, evidentemente, por todo o tempo que ignoramos de que coisa é sinal. Se ao fazermos essa pergunta, a coisa mesma nos for mostrada com o dedo, tendo-a visto aprendemos o sinal que tínhamos apenas ouvido, e não havíamos ainda conhecido. Ora havendo dois elementos neste sinal, o som e a significação, o som evidentemente não o percebemos pelo sinal, mas pelo ouvido que ele mesmo faz vibrar; a significação, pela contemplação da coisa mesma que se significa. De fato, aquele aceno do dedo nada mais pode significar, senão aquilo para que o dedo acena. Ora ele não acena para o sinal, mas para a parte do corpo que se chama cabeça. E assim, por esse gesto

nem posso conhecer a coisa que já conhecia, nem o sinal, para o qual o dedo não acena. Mas do aceno do dedo não me importo demasiado, pois me parece ser mais sinal do mesmo ato de indicar, que de quaisquer coisas que se indicam, à maneira do advérbio *eis*, que nós pronunciamos. De fato, juntamente com este advérbio costumamos acenar com o dedo, não aconteça que um só sinal não baste para indicar. E é disto sobretudo que eu me esforço por te persuadir, se puder, que por esses sinais chamados palavras nós não aprendemos nada. Efetivamente, como atrás disse, uma vez conhecida a realidade mesma que se significa, é que nós aprendemos a força da palavra, isto é, a significação escondida no som; bem ao contrário de percebermos essa realidade por meio de tal significação.

E o que disse de *cabeça*, di-lo-ia também das tais coberturas, e de inumeráveis outras coisas. Embora eu já tenha conhecido a estas, não conheço até agora as referidas *sarabalas*. A estas, se alguém as significasse por gestos ou as desenhasse, ou mostrasse alguma coisa a que são semelhantes, não direi que não as me ensinara — o que eu facilmente demonstraria, se quisesse falar um pouco mais longamente — mas digo o que está mais perto de nós, que não as teria me ensinado por palavras. Porém, se estando eu por acaso a contemplá-las, alguém me advertisse, por eu estar juntamente presente, dizendo "aqui estão as *sarabalas*", aprenderia uma coisa que desconhecia, não por meio das palavras pronunciadas, mas por meio da visão dela; e desta visão seguia-se que conheci e fixei também o que significava o próprio nome. Na verdade, ao aprender a coisa mesma, não acreditei nas palavras alheias, mas nos meus olhos. Entretanto, talvez acreditasse nelas para atender, isto é, para buscar com a vista o que ia ver.

CAPÍTULO XI

[VACUIDADE DAS PALAVRAS]

AGOSTINHO - Até este ponto chegou o valor das palavras: para lhes conceder o mais possível, incitam-nos apenas a buscar as coisas, não no-las apresentam para as conhecermos. Ora quem me ensina alguma coisa é quem me manifesta, quer aos olhos quer a outro sentido do corpo, ou ainda à própria mente, as coisas que eu quero conhecer. Portanto, com palavras não aprendemos senão palavras, ou melhor, o som e o ruído das palavras. Com efeito, se o que não é sinal não pode ser palavra, eu não sei que uma palavra é palavra, embora já ouvida, enquanto não souber o que significa.

Por conseguinte, conhecidas as coisas alcança-se também o conhecimento das palavras; mas ouvidas as palavras, nem as palavras se aprendem. De fato, não aprendemos as palavras que conhecemos, nem podemos declarar ter aprendido as que não conhecemos, senão depois de percebida a sua significação. Ora esta não provém da audição dos sons emitidos, mas do conhecimento das coisas significadas. É um raciocínio muitíssimo verdadeiro, e com toda a verdade se diz que, proferidas as palavras, ou sabemos o que significam, ou não sabemos; se sabemos, mais o rememoramos do que aprendemos; se não sabemos, nem sequer o rememoramos, mas somos talvez incitados a inquirir.

Se disseres: essas tais coberturas das cabeças, cujo nome retemos somente pelo som, não as podemos efetivamente conhecer senão vendo-as, nem o mesmo nome o podemos conhecer adequadamente, senão depois de as ter conhecido. Mas será porventura de outro modo, a não ser por palavras, que aprendemos o que nos foi transmitido acerca desses jovens, quanto ao modo como pela fé e religião triunfaram do rei e das chamas, bem como quanto aos louvores que cantaram a Deus, e às honras que mereceram até do próprio inimigo? Responderei que tudo o que é significado por essas palavras já era do nosso conhecimento. Pois o que são três rapazes, uma fornalha, o fogo, um rei, e enfim, o que é ficarem ilesos do fogo, e tudo o mais que essas palavras significam, tudo isso já eu o conhecia. Quanto

porém a Ananias, Azarias e Misael, são por mim tão desconhecidos como as tais *sarabalas*; e para os conhecer, em nada me ajudaram esses nomes, ou me puderam algum dia ajudar. Mas que todos estes fatos, que se lêem nessa narrativa, tenham acontecido naquele tempo e do modo como estão escritos, confesso que mais propriamente o acredito do que o sei. Nem aqueles mesmos em que acreditamos ignoraram esta diferença, pois diz o profeta: "se não acreditardes, não entenderéis" (*Isaías 7, 9*). Ele não o diria certamente, se julgasse que não havia diferença alguma. Assim, o que intelectiono, também o acredito; mas nem tudo o que acredito o intelectiono também. E assim, tudo o que intelectiono, sei-o racionalmente, mas nem tudo o que acredito, o sei racionalmente. Nem por isso ignoro quão útil é acreditar em muitas coisas que não sei racionalmente. Nessa utilidade incluo também esta narrativa dos três jovens. Deste modo, não podendo eu saber racionalmente grande numero de coisas, sei todavia com quanta utilidade se acreditam.

Ora acerca de todas as coisas que intelectionamos, não consultamos alguém que fala e produz um som fora de nós, mas a Verdade que preside interiormente à nossa mente, sendo talvez incitados pelas palavras a consultá-la. E aquele que é consultado, ensina: é Cristo, de quem se disse que habita no "homem interior" (*Efésios 3, 16-17*), e é "o Poder incomutável de Deus, e a sempiterna Sabedoria". A esta, de fato, toda alma racional a consulta; ela porém manifesta-se-lhe na medida em cada um é capaz de a receber, em razão da própria vontade, boa ou má. Se a alma alguma vez se engana, não é por defeito da Verdade consultada, do mesmo modo que não é por defeito desta luz exterior que os olhos corporais por vezes se enganam. É manifesto que para nos certificarmos acerca das coisas visíveis, recorreremos a esta luz, para ela no-las mostrar, na medida em que somos capazes de as ver.

CAPÍTULO XII

[PALAVRA, SENSAÇÃO E INTELECÇÃO]

AGOSTINHO - Por conseguinte, acerca das cores, certificamo-nos por meio da luz; acerca das outras realidades que sensoriamos por ação do corpo, certificamo-nos por meio dos elementos deste mundo, ou dos mesmos corpos que sensoriamos, e também dos próprios sentidos, de que a mente usa como de intérpretes para conhecer essas realidades. Quanto às realidades que inteccionamos, certificamo-nos consultando a Verdade interior por meio da razão.

Que se pode dizer, com que se manifeste que nós pelas palavras aprendemos qualquer coisa, a não ser o som que percute os ouvidos? Com efeito, todas as coisas que percebemos, ou as percebemos pelos sentidos do corpo ou pela mente. Denominamos as primeiras, sensoriais; as segundas, inteligíveis; ou para falar à maneira dos nossos autores, denominamos carnis, as primeiras; espirituais, as segundas. Interrogados sobre as primeiras, damos resposta se estão diante de nós essas coisas que sensoriamos; por exemplo, quando nos perguntam, estando nós a observar a lua nova, qual é ou onde se encontra. Neste caso, se aquele que pergunta o não vê, acredita nas palavras, e muitas vezes não acredita; aprender, de modo nenhum aprende, a não ser que também ele veja o que se lhe diz. Se assim for, aprende pelas coisas mesmas e pelos sentidos, e não já pelas palavras que ressoaram, pois as palavras que ressoaram ao que não está a ver são as mesmas que ressoaram ao que está a ver.

Quando porém somos interrogados, não sobre os objetos que sensoriamos no presente, mas sobre aqueles que outrora sensoriamos, já não falamos então das próprias coisas, mas das imagens impressas em nós por elas, e confiadas à memória. Como podemos dizer verdadeiras essas coisas, estando a ver coisas falsas, ignoro-o em absoluto, se não é que narramos tê-las visto e sensoriado, e não que as vemos e sensoriamos. Trazemos assim

essas imagens nos recessos da memória, como uma espécie de ensinamentos das coisas anteriormente sensorizadas, e contemplando-as no espírito, em boa consciência não mentimos quando falamos.

Esses ensinamentos porém são para nós. Efetivamente, aquele que ouve, se sensorizou e presenciou essas coisas, não as aprende pelas minhas palavras, mas ele mesmo as reconhece por meio das imagens que traz consigo. No caso porém de ainda as não ter sensorizado, quem não compreenderá que ele propriamente não aprende, mas crê nas palavras?

Quando porém se trata de coisas que vemos por meio da mente, isto é, por meio do intelecto e da razão, falamos realmente de coisas que contemplamos presentes nessa luz interior da Verdade, de que é iluminado e goza aquele que se denomina "homem interior". Mas ainda então o nosso ouvinte, se também ele as vê por meio dessa visão íntima e pura, conhece pela sua contemplação o que eu digo, e não pelas minhas palavras.

Por conseguinte, ao dizer coisas verdadeiras, nem sequer o ensino a ele, que intui essas coisas verdadeiras, pois não é ensinado pelas minhas palavras, mas pelas coisas mesmas que lhe são manifestas, descobrindo-lhas Deus interiormente. E assim, se fosse interrogado sobre elas, também ele poderia responder. Que há de mais absurdo do que julgar ser ele ensinado pela minha locução, ele que se fosse interrogado, antes de eu falar poderia expor essas mesmas coisas? Com efeito, o fato de o interrogado negar alguma coisa, e urgido por outras perguntas a vir a admitir, como freqüentemente acontece, isso deve-se à fraqueza da pessoa que contempla, a qual não é capaz de divisar nessa luz a totalidade dum assunto. Leva-se a fazê-lo por partes, ao interrogá-la sobre aquelas mesmas partes que constituem esse conjunto, ao qual ela não conseguia contemplar na totalidade. Se é levada a isso pelas palavras de quem a interroga, estas não são de ensino, mas de inquirição, e feita segundo a medida que tem a pessoa interrogada, de aprender interiormente.

É como se eu te perguntasse isto mesmo de que se está tratando, a saber, se nada se pode ensinar com palavras, e a questão te parecesse absurda à primeira vista, por não a poderes ver no seu conjunto. Neste caso, seria preciso interrogar segundo as forças que tens para ouvir interiormente esse Mestre. E assim eu diria: onde aprendeste aquelas coisas, que ao ouvir-me falar declaras que são verdadeiras, que estás certo delas, e garantas conhecer? Talvez me respondesse ter sido eu que as ensinei. Eu então

acrescentaria: se te dissesse que tinha visto um homem a voar, porventura as minhas palavras deixar-te-iam tão certo, como se me ouvisses dizer que os homens sapientes são melhores que os nescientes? Com certeza negarias, respondendo que o primeiro não o acreditavas, ou que embora o acreditasses, o ignoravas; mas que o segundo o sabias com absoluta certeza.

Por aqui já entenderias certamente que nada aprenderas com as minhas palavras, nem quanto àquilo que tendo-o eu afirmado, tu ignorarias, nem quanto ao que sabias perfeitamente. Com efeito, interrogado tu sobre cada parte, jurarias até que a primeira te era desconhecida, e a segunda, conhecida. Quanto ao conjunto da questão a que nos referimos, e tu havias negado, reconhecerias a verdade do seu todo, quando conhecesses como claras e certas as partes de que ela consta, isto é, que todas as coisas de que falamos, ou o ouvinte ignora se são verdadeiras, ou não ignora que são falsas, ou sabe que são verdadeiras. Da primeira das três alternativas é próprio crer, ou opinar, ou duvidar; da segunda, contradizer e rejeitar; da terceira, confirmar. Em nenhum caso portanto se trata de aprender. Fica assim demonstrado que nem aquele que depois das nossas palavras ignora um assunto, nem aquele que conhecer ter ouvido falsidades, nem aquele que se fosse interrogado, poderia responder as mesmas coisas que se tinham dito, aprenderam nada com as minhas palavras.

CAPÍTULO XIII

[DEFICIÊNCIAS DA PALAVRA]

AGOSTINHO - Por esta razão, mesmo nas coisas que são intuídas pela mente, em vão todo aquele que as não pode intuir, ouve as palavras do que as intui, à parte ser útil acreditá-las enquanto se ignoram. Todo aquele porém que as pode intuir — esse interiormente é discípulo da Verdade, e exteriormente é juiz daquele que fala, ou melhor, da mesma locução, pois ele muitas vezes sabe as coisas que se disseram, quando as ignora aquele mesmo que as disse.

Suponhamos por exemplo que alguém, acreditando nos epicuristas, e julgando que a alma é mortal, expõe os argumentos que sobre a sua imortalidade foram elaborados por homens mais sábios, e que está a ouvir uma pessoa capaz de intuir coisas espirituais. Esta pessoa julga que o tal epicurista diz coisas verdadeiras, mas o que as diz ignora se diz coisas verdadeiras, ou até as julga falsíssimas. Dever-se-á então pensar que ele ensina o que não conhece? Entretanto, usa das mesmas palavras de que também poderia usar, se fosse conhecedor.

Deste modo nem sequer isto se reserva às palavras — que ao menos por elas se revela o íntimo de quem fala — visto ser incerto que este conheça aquilo que diz. Acrescenta a isto os mentirosos e os enganadores; por eles facilmente entenderás que pelas palavras o íntimo não só não se abre, mas até se oculta. Entretanto, não duvido de maneira nenhuma de que as palavras dos homens verídicos pretendem, e de algum modo o proclamam, que o íntimo de quem fala se revele. Consegui-lo-iam, todos o concedem, se aos mentirosos não fosse permitido falar.

Todavia muitas vezes temos experimentado, tanto em nós como nos outros, que as palavras que se proferem não são as das coisas que se pensam. Vejo que isto pode acontecer de dois modos: quando um trecho decorado, e muitas vezes repetido, sai da boca de quem está a pensar noutra coisa, o que nos acontece freqüentemente, ao cantarmos um hino; ou então quando contra

nossa vontade saem umas palavras por outras, por desvio da própria língua. Também neste caso não se ouvem os sinais das coisas que temos na alma.

Quanto aos mentirosos, também pensam realmente nas coisas que dizem, de modo que embora não saibamos se dizem a verdade, sabemos todavia que têm no seu íntimo o que dizem, a não ser que se dê com eles algum dos dois casos que disse. Se alguém porfia não só em que estes acontecem de quando em quando, mas também em que, quando acontecem, isso se torna evidente, não o contradigo, se bem que freqüentemente isso permanece oculto, e freqüentemente ao ouvir me enganei.

Mas a tudo isto acresce outro caso, sem dúvida muito vulgar, e origem de inumeráveis dissensões e lutas: quando quem fala significa realmente aquilo mesmo que pensa, mas muitas vezes só quanto a ele e a alguns outros. Quanto porém à pessoa a quem fala e a várias outras, já não significa isso mesmo. Dissesse algum interlocutor a nós que o estivéssemos a ouvir, que o homem é superado em valor por alguns animais. Imediatamente nós não poderíamos suportar, e rejeitaríamos com grande energia tão falsa e perigosa afirmação. Ora, talvez esse interlocutor chamasse valor às forças do corpo, e com este nome exprimisse o que pensava. Não mentia nem errava com respeito às coisas; não sobrepunha palavras retidas na memória, por estas com o espírito a pensar em alguma outra coisa; nem fazia ouvir por lapso de língua coisa diferente do que pensava. Chama apenas àquilo em que pensa por nome diferente do que nós usamos. Sobre isso dar-lhe-íamos imediatamente o assentimento, se pudéssemos enxergar o seu pensamento. Não no-lo conseguiu ainda patentear com as palavras já proferidas, e com o enunciado da sua afirmação.

Dizem que este erro pode ser remediado pela definição; no caso presente, se esse interlocutor definisse o que é valor. Ficaria claro, dizem, que a controvérsia não era à volta da realidade, mas da palavra. Quão poucos bons definidores se podem encontrar, para eu conceder que assim é! E todavia, muitas objeções se tem apresentado contra o ensino da definição. Não é aqui oportuno tratar delas, nem eu inteiramente as aprovo.

Ponho de parte que muitas palavras não as ouvimos bem, e sobre elas disputamos muito e longamente, como se fossem ouvidas. Assim, dizendo eu há pouco *misericórdia*, com certa palavra púnica, tu dizias ter ouvido àqueles de quem esta língua é mais conhecida que esse termo significa *piiedade*. Eu oponho-me, afirmava que tinhas esquecido completamente o

que aprenderas. Na verdade, parecia-me que não tinhas dito *piedade*, mas *fé*, embora estivesse sentado junto de mim, e estes dois nomes de nenhum modo iludam o ouvido, pela semelhança do som. Julguei, apesar disso, durante algum tempo, que ignoravas o que tinham dito, quando era eu que ignorava o que tu disseras. Efetivamente se eu tivesse ouvido bem, de modo nenhum me pareceria absurdo que *piedade* e *misericórdia* se designassem na língua púnica por um só vocábulo. Na maioria das vezes é isto que acontece. Ponhamo-lo porém de parte, como já disse, não pareça eu tirar da negligência do ouvinte, ou também da surdez dos homens, uma falsa acusação contra as palavras. São mais aborrecidos os casos que enumerei acima, em que por meio das palavras percebidas clarissimamente pelo ouvido, e latinas, não conseguimos conhecer os pensamentos dos que falam, sendo nós da mesma língua.

Mas eis que agora deixo isso de lado, e concedo que tendo as palavras sido recebidas pelo ouvido de quem as conhece, este pode saber que quem fala pensou naquilo que elas significam. Por esse fato, e é do que agora se trata, aprende ele também se o outro disse a verdade?

CAPÍTULO XIV

[O MESTRE E A CONSCIÊNCIA]

AGOSTINHO - Proclamam acaso os professores que se aprenda e fixe o que eles pensam, e não as doutrinas mesmas, que eles julgam comunicar falando? Pois quem será tão estultamente curioso que mande o seu filho à escola, para que ele aprenda o que o professor pensa? Ora depois de terem [os professores] explicado por palavras todas essas doutrinas, que declaram ensinar, incluindo a da virtude e a da sapiência, então aqueles que são chamados discípulos consideram consigo mesmos se se disseram coisas verdadeiras, e fazem-no contemplando, na medida das próprias forças, aquela Verdade interior de que falamos. É então que aprendem. Tendo averiguado interiormente que foram ditas coisas verdadeiras, pronunciam louvores, ignorando que não louvam propriamente homens que ensinam, mas sim ensinados; se é que também esses professores conhecem o que dizem.

Os homens enganam-se, chamando mestres àqueles que o não são, porque geralmente entre o tempo da locução e do conhecimento não se interpõe nenhum intervalo; e dado que tais homens aprendem interiormente logo depois da insinuação de quem fala, julgam ter aprendido do exterior, por meio daquele que insinuou.

Sobre toda a utilidade das palavras, que se bem se considerar, não é pequena, indagaremos noutra altura, se Deus permitir. Por agora, adverti-te de que não lhes devemos atribuir mais importância do que é justo, de maneira a não acreditarmos apenas, mas começarmos também a entender com quanta verdade foi escrito, e com autoridade divina: "não chamemos mestre a ninguém na terra, pois que o único Mestre de todos nós está nos Céus" (*Mateus 23, 8-10*). O que quer dizer *nos Céus* Ele próprio o ensinará, Ele que também pelos homens, por meio de sinais e de fora, nos incita a que nos voltemos para Ele no nosso interior, para sermos ensinados. A vida

venturosa é conhecê-lo e amá-lo. Todos proclamam que a buscam, mas poucos são os que podem alegrar-se de a ter verdadeiramente encontrado.

Queria agora me dissesses o que pensas de toda esta minha exposição. Se sabes que são verdadeiras as coisas que se disseram, também terias dito que as sabias, se fosses interrogado sobre cada afirmação particular. Vês portanto de quem as aprendeste; de mim, realmente não, a quem responderias tudo isso, se te perguntasse. No caso porém de não saberes se são verdadeiras, então nem eu nem Ele te ensinou; eu, porque nunca posso ensinar; Ele, porque tu ainda as não podes aprender.

ADEODATO - Quanto a mim, advertido pelas tuas palavras, aprendi que o homem, pelas palavras, não é mais que incitado a aprender, e que é de muito pouco valor o fato de que grande parte do pensamento de quem fala se manifesta pela locução. Se realmente se dizem coisas verdadeiras, só o ensina Aquele que quando nos falavam de fora, nos advertiu de que Ele habitava no interior. Eu o amarei desde agora tanto mais ardentemente, quanto mais estiver adiantado em aprender.

Entretanto estou muito grato por esta tua exposição, em que usaste seguidamente da palavra, sobretudo por ela ter prevenido e resolvido tudo o que eu estava disposto a objetar. Além disso, não foi por ti deixado de parte absolutamente nada do que me causava dúvida, e acerca do qual esse oráculo secreto não me respondesse, segundo o que era afirmado pelas tuas palavras.

CONTRACAPA

Agostinho

não foi apenas buscar à consciência as certezas fundamentais; o verdadeiro objeto da filosofia ficou sendo para ele a mesma consciência, cujas profundidades e mistérios competia à inteligência desvendar.